

COMISSÃO DA VERDADE

**PRESIDENTE
DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

15/07/2014

COMISSÃO DA VERDADE.

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

15/07/2014

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 130ª audiência pública, 15 de julho de 2014. Plenário D. Pedro.

Está instalada a 130ª Audiência Pública Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 15 de julho, às 14h, no Plenário D. Pedro, para oitiva de testemunhas sobre os casos de José Campos Barreto e Otoniel Campos Barreto.

Com a formação da seguinte Mesa: André Vilaron, Comissão Nacional da Verdade, Thaís Barreto, familiar de José Campos Barreto e Otoniel Campos Barreto, e os irmãos Olderico Barreto e Olival Barreto, que vieram especialmente, da Bahia, para depor a respeito de seus familiares.

Então, vou passar a palavra pra Thaís Barreto, para fazer a leitura e a recuperação da memória de José.

A SRA. THAÍS BARRETO – Boa tarde a todos. Meu nome é Thaís Barreto. Além de familiar, eu também sou assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, desde o início.

E, hoje, nós estamos, aqui, para contextualizar esses dois assassinatos. E, na verdade, tudo que envolve a Operação Pajuçara, que foi desencadeada para assassinar o capitão do Exército Carlos Lamarca, e, também, houve a morte do Luiz Antônio Santa Bárbara.

Eu queria só falar um pouco do Luiz Antônio, também, que foi assassinado dentro da casa. Aproveitar que nós estamos juntos com a Comissão Nacional da Verdade, e o trabalho dela vai ser, justamente, além desses dois, tudo que envolveu essa Operação, que foi desencadeada desde o Rio de Janeiro, como o próprio DOI-CODI de São Paulo, com homens que foram enviados, isso está tudo comprovado no relatório da Operação Pajuçara.

Então, não é por acaso que, hoje, nós nos reunimos, aqui, no Estado de São Paulo.

Luiz Antônio Santa Bárbara nasceu em 8 de dezembro de 1946, em Inhambupe, Bahia. É filho de Deraldino Santa Bárbara e Maria Ferreira Santa Bárbara. Morto em 28 de agosto de 1971. E militava no Movimento Revolucionário Oito de Outubro, MR-8.

Luiz Antônio estudou no Colégio Municipal Joselito Amorim, e trabalhou como tipógrafo na “Gazeta do Povo”, onde começou sua vida política. Foi presidente do grêmio do Colégio Municipal de Feira de Santana, na Bahia.

Em 1967, passou a militar numa dissidência do PCB e, depois, no MR-8. Passou a atuar na clandestinidade, em 1969, conforme relatou a sua mãe Maria Ferreira Santa Bárbara. Em 1970, sua casa foi invadida por homens armados, que queriam saber o paradeiro do Luiz Antônio, levando preso seu pai.

Ele foi o primeiro militante do agrupamento, a ser deslocado para o sertão da Bahia, onde pretendiam realizar um trabalho político e militar. Chegou a Buriti Cristalino, em Brotas de Macaúbas, Bahia, como Roberto, o professor.

Hospedado na casa de José de Araújo Barreto, pai de José Campos Barreto, Zequinha, Otoniel Campos Barreto e Olderico Campos Barreto, que, hoje, está aqui, presente. Ele trabalhava, diariamente, na roça, com a família. Era um bom jogador de futebol, e entusiasmou os times da região. Criou uma escola de alfabetização, no povoado, e um pequeno teatro, foi formado por seus alunos, os quais encenaram uma peça sobre os problemas da população, representando os trabalhadores, fiscais, e a escolta armada que os acompanhava. Carlos Lamarca ajudou Santa Bárbara a escrever o texto.

Luiz Antônio foi homenageado com a Medalha Chico Mendes de Resistência, pelo Grupo Tortura Nunca Mais, do Rio de Janeiro, em 1º de abril de 2002.

A segunda morte, nesta Operação, que foi desencadeada a partir do dia 28 de agosto de 1971, foi de Otoniel Campos Barreto.

Otoniel nasceu no dia 11 de abril de 1951, em Brotas de Macaúbas. Era filho de José de Araújo Barreto e Adelaide Campos Barreto. Ele foi morto no dia 28 de agosto, e militava, também, no Movimento Revolucionário Oito de Outubro, junto aos seus irmãos. Era camponês, viveu sempre no Buriti Cristalino, na residência de seus pais, foi um jovem alegre, prestativo, plenamente integrado na sociedade local.

De família hospitaleira, era muito querido por suas habilidades no futebol e no violão. Ajudava o pai na lavoura e no comércio. Naquele tempo, a região de Brotas de Macaúbas vivia alheia aos acontecimentos políticos do país. O isolamento era tal, que se contava apenas com o rádio, como meio de informação.

Em fins de 1968, seu irmão Zequinha, metalúrgico de Osasco, São Paulo, foi preso, despertando-o para a política. Em 1971, Zequinha voltou a residir na casa dos pais, e passou a ter um convívio mais próximo com seus irmãos. O convívio, porém, foi muito curto, pois em agosto do mesmo ano, a família foi surpreendida pelo aparato repressivo da Operação Pajuçara, que provocou a morte de Otoniel e Zequinha.

As mortes. Luiz Antônio Santa Bárbara foi morto lá, no povoado de Buriti Cristalino, em Brotas de Macaúbas, quando morreu, também, Otoniel. As mortes foram decorrentes da Operação Pajuçara, organizada após o assassinato de Iara Iavelberg.

Na verdade, Iara fez parte, porque, como ela era, também, do MR-8, e estava ligada, na época, a Carlos Lamarca, eles pegam primeiro ela, no dia 20 de agosto, nós já realizamos a audiência, aqui na Comissão, sobre o caso da Iara, onde, inclusive, nós trouxemos a versão de que ela não se suicidou, e, sim, foi assassinada. Uma constatação feita após a exumação, com muito custo, no Cemitério Judaico de São Paulo.

O objetivo era capturar, ou destruir, Lamarca e seu grupo. Essa operação, realizada pelo major Nilton de Albuquerque Cerqueira, chefe da II Seção do Estado-Maior da 6ª Região Militar e comandante do DOI, de Salvador, foi mantida em sigilo até a morte de Otoniel e Luiz Antônio. Dela, participaram 215 integrantes da Marinha, da Aeronáutica, dos Fuzileiros Navais, das Polícias Políticas, em especial, o DOPS/SP, da Polícia Federal, da Polícia Militar da Bahia, do CODI/6 e do 19º Batalhão, conforme descreve o relatório feito pelo IV Exército.

Todos atuaram à paisana. A Companhia de Mineração Boquira forneceu avião, carros e funcionários, para que a ação pudesse ser mantida em segredo. A empresa Transminas também colaborou.

O relatório oficial da Operação Pajuçara não descreveu os embates ocorridos na Fazenda Buriti, limitando-se a informar que, na madrugada daquele dia, os agentes cercaram e investiram contra o local, onde acreditavam estar Lamarca. Afirmaram, apenas, que a Operação redundou nas mortes de Luiz Antônio Santa Bárbara, conhecido como Merenda, e Otoniel Campos Barreto, bem como ferimentos e prisão de Olderico Campos Barreto.

É esclarecedor, contudo, quando descreve as características da ocupação do local, feita pelas Forças Armadas, mostrando que a casa do Buriti se transformou, o povoado do Buriti se transformou, temporariamente, em base assemelhada a um estabelecimento policial, conforme citação, em Fazenda Buriti houve grande concentração de equipes, após o estouro do Aparelho, em face da necessidade de desenvolver intenso patrulhamento.

Os dados do relatório citado foram confirmados pelos depoimentos dos moradores, e constam no Auto de Qualificação e Interrogatório de Olderico Campos Barreto, de 18 de abril de 1979, na Auditoria da 6ª Circunscrição Judiciária Militar. Rosalvo Machado Rosa, e Reuel Pereira da Silva, arrolados como testemunhas no processo contra Olderico, confirmam que a sua casa foi cercada por agentes policiais. Reuel informa, também, que, como guia dos agentes, passou, no local dos fatos, cerca de uma semana.

A família de Santa Bárbara ficou sabendo de sua morte por meio da imprensa. E só em 19 de setembro conseguiu localizar seu corpo, no IML, sendo, o mesmo, liberado somente no dia 21. Foi enterrado, por seus familiares, no Cemitério de Piedade, em Feira de Santana, na Bahia.

No relatório da Comissão Especial de Mortos de Desaparecidos Políticos, o relator Paulo Gustavo Gonet Branco argumentou que Santa Bárbara não estava sob a guarda dos agentes, pois estes, ainda, não teriam assumido o controle total da área, não podendo, assim, caracterizá-la como dependência policial ou assemelhada. E votou, na época, pelo indeferimento do pedido.

Luís Francisco de Carvalho Filho, relator do caso de Otoniel Barreto, morto no mesmo dia, pediu vista, para que os dois pedidos fossem analisados em conjunto, em 19 de novembro de 1996.

O relato mais detalhado, descrito no livro de Emiliano José e Oldack Miranda, que se chama “Lamarca - O Capitão da Guerrilha” foi feito por Olival Barreto e José Tadeu, na época, meninos de 10 e 16 anos, que estavam no quarto, onde se encontrava Luiz Antônio, escondidos debaixo da cama. Dali, o viram armado, atrás da porta, escutaram tiro e viram seu corpo cair. Não foi encontrado, porém, qualquer documento que registre a morte, que cite o horário, ou quem encontrou o corpo.

A morte de Otoniel ocorreu, também, em 28 de agosto, e foi divulgado pelos jornais, os quais afirmaram que ele efetivou disparo de arma de fogo, e saiu correndo, em ziguezague, quando foi atingido. O laudo necroscópico, contudo, é impreciso, e não estabelece a trajetória dos disparos, mas permite concluir que recebeu um disparo na cabeça, de frente, e foi metralhado pelas costas. Há, ainda, um disparo no ombro direito, com orifício de entrada de cima para baixo, indicando que ele deveria estar deitado, ao receber tal projétil.

No interrogatório judicial de Olderico, irmão de Otoniel, temos o relato do acontecido. Otoniel foi detido e espancado. Olderico reagiu, sendo atingido por um disparo no rosto. Quando recobrou os sentidos, foi preso e conduzido, juntamente com o pai e o irmão, para frente da casa. Otoniel foi despido, ficando apenas de calção. Havia uma arma de fogo na sua calça, deixada nas proximidades, fato não percebido pelos agentes.

Levaram o pai para o barracão, e o penduraram com uma corda, de cabeça para baixo, e, com socos, golpes de armas e ameaças de morte, exigiram saber o paradeiro do filho Zequinha. Do lado de fora, Otoniel, desesperado pelo sofrimento do pai, alcançou a arma e deu um disparo, e saiu correndo, quando foi atingido.

Olderico disse que, enquanto era espancado, um policial lhe falou, referindo-se ao seu irmão, morto: “Isso, é para ver o que acontece com quem foge”.

O relator do caso de Otoniel na Comissão Especial de Mortos de Desaparecidos, Luís Francisco de Carvalho Filho, escreveu em seu voto:

“Reuel Pereira da Silva, soldado e morador do município, deu dois depoimentos à Justiça Militar, um, em 1972, e, outro, em 1979. No primeiro dos depoimentos, além de esclarecer que se engajou na equipe de repressão, confirma que Otoniel já estava detido, sob sua guarda, antes de morrer. E esclarece que, naquele momento, o pai dos rapazes havia sido conduzido, algemado, para o barracão. Diz que foi surpreendido e atingido, de raspão, pelo tiro dado por Otoniel, informação desmentida pelo relatório da Operação Pajuçara, que não registra vítimas, e, por ele próprio, no depoimento de 1979. O depoente não conseguiu segurar Otoniel, apenas de sair em seu encalço, sendo que, outros agentes o perseguiram, ouvindo, depois, diversos disparos. E ressaltou que, a atitude negligente dos policiais, de deixar uma arma ao seu alcance, não retira a responsabilidade do Poder Público. E concluiu: ‘Se atiraram pelas costas, o provável é que Otoniel tinha sido atingido primeiro nas costas. O laudo registra dois tiros, disparados pelas costas’. E questionou: ‘E os outros tiros, um na cabeça, pela frente, e outro no ombro, de cima pra baixo? Execução? O fato é que os disparos, todos direcionados para o tronco, para a cabeça, indicam a intenção de matar, não de imobilizar, quando a finalidade, legítima, de qualquer operação militar, é deter. O fato é que as forças oficiais estavam ali, como registra o relatório da Operação Pajuçara, para capturar, ou destruir. Esta é a lógica da guerra. Não é a lógica do Direito, que deve prevalecer na ação dos agentes do Poder Público. Destruir, por destruir, não é uma atividade juridicamente tolerável, até mesmo durante o período de Exceção Institucional.’” Assim, votou pelo deferimento.

Em 19 de novembro de 1996, os dois casos, de Otoniel e do Luiz Antônio Santa Bárbara, foram apresentados pelo relator Luís Francisco de Carvalho, sendo o de Otoniel aprovado por quatro votos a favor, e, dois, contra, o do general Oswaldo Pereira Gomes, e Paulo Gustavo Gonet Branco. O caso de Santa Bárbara foi indeferido por quatro votos a dois, sendo favoráveis ao deferimento, Nilmário Miranda e Suzana Lisbôa.

A família de Luiz Antônio entrou com recurso, e anexou novos documentos. Na votação do pedido da revisão, o relator Gonet Branco declarou: “Na análise do pedido inicial, formulei voto contrário ao seu deferimento, por não ver demonstrados os pressupostos da lei. O Dr. Luís Francisco de Carvalho Filho pediu vista ao processo, e leu voto, igualmente contrário ao pleito, por falta de prova ou indícios que, Luiz Antônio Santa Bárbara, fora morto, deliberadamente, pelas forças policiais, ou depois de estar sob sua guarda. Os votos acabaram por prevalecer, na Comissão. Os documentos trazidos, porém, não logram alterar o quadro de fatos, anteriormente levados em conta, pela Comissão.”

Nilmário Miranda, em seu voto ao recurso do mesmo caso, afirmou: “O Dr. Luís Francisco registrou em seu voto, há duas versões sobre a morte de Santa Bárbara. Uma, de que morreu durante tiroteio, como registra o laudo necroscópico, e, outra, de suicídio, disseminada pelos agentes de

segurança, muito provavelmente, em virtude do local da lesão, ouvido externo direito. E que foi aceita pelo filme de Sérgio Rezende, Lamarca.”

Argumentou que Santa Bárbara não esteve, em nenhum momento, sob a guarda dos agentes e do Poder Público. E, que se pode intuir, é que faleceu vítima de disparo de arma de fogo, quando a força policial militar ainda não havia assumido o controle da área, circunstância essencial para caracterizar a condição de base assemelhada, e estabelecimento policial, o que só ocorreu a partir da prisão de Olderico, Otoniel, e do pai, José Barreto.

“Examinei todo o material organizado por D. Maria Ferreira Santa Bárbara. O que me impressionou, no recurso, foi o número de vezes que a versão de choque e confronto aparecem. Vejamos: “Veja”, de 22 de setembro de 1971. Numa expedição, enviada a Brotos de Macaúbas, no centro da Bahia, havia localizado uma fazenda, espécie de aparelho rural, que daria cobertura a Iara e Lamarca. Nesse local, dois terroristas foram mortos em choque com a polícia. E a outra versão, também apresentada no jornal ‘A tribuna da Bahia’, de 18 de setembro de 1971: ‘Nas duas idas e vindas à região do São Francisco, os órgãos de segurança conseguiram prender Olderico Barreto, ferido na mão e na boca, e recolhido ao hospital da Polícia Militar de Salvador, e matar Luiz Antônio Santa Bárbara e Otoniel Barreto, ambos integrantes do MR-8. Ou seja, em todas as notícias da época aparece a versão do confronto, e, nunca, do suicídio. Também nos documentos oficiais, a requisição do exame ao IML, feito pelo coronel Luiz Arthur de Carvalho, dá como histórico do caso, em 29 de agosto de 1971, que os dois foram abatidos, quando reagiram à bala contra a equipe encarregada de capturá-los. O laudo de necropsia feito pelo IML Instituto Nina Rodrigues, repete a morte em confronto. Na verdade, a versão do suicídio só é divulgada a partir do livro-referência para o filme de Sérgio Rezende. Neste livro, essa versão baseou-se no depoimento de Olderico Barreto, que ouviu dos policiais que Luiz Antônio Santa Bárbara teria se suicidado, já que, ele, ferido e capturado, nada viu. E, numa interpretação do relato de Olival Barreto e José Tadeu, meninos que estavam no quarto, onde Santa Bárbara caiu morto. Portanto, a versão oficial da morte, é de morte em confronto.”

Nilmário Miranda acrescentou, também, novo depoimento de Olival, segundo o qual a casa já estava sob controle dos agentes de segurança, que haviam acabado de matar Otoniel, e prendeu Olderico e José de Araújo Barreto. Anexou, ainda, o depoimento da mãe de Luiz Antônio Santa Bárbara, segundo o qual, ao receber o corpo, viu a mão direita de Santa Bárbara vazada por um tiro, indicando um gesto, instintivo, de defesa, fato confirmado pelo agente da Polícia Federal, Paulo Roberto Silva Lima, em depoimento de 17 de outubro de 1986, na Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal.

O relatório do Exército, entregue ao ministro da Justiça Maurício Corrêa, em 1993, cita “O Estado de São Paulo”, de 16 de setembro de 1971: “Militante do MR-8, falecido em 28 de agosto de 1971, em confronto com agentes de segurança, em Brotas de Macaúbas, Bahia.”

Em 9 de fevereiro de 1998, o recurso da família foi, finalmente, votado indeferido, por cinco votos a dois, sendo Nilmário Miranda e Suzana, favoráveis ao deferimento.

Com a aprovação da Lei 10875/04, que ampliou os benefícios da lei dos desaparecidos políticos, que é a Lei 9140, abrangendo tanto o suicídio, quanto o confronto, novo requerimento foi feito pela família, e o caso 078/02, tendo como relatora Maria Eliana Menezes de Farias, foi aprovado, por unanimidade, em 10 de agosto de 2004.

O corpo de Otoniel, que fora sepultado no cemitério local, foi exumado no dia seguinte ao sepultamento, e transportado para Salvador, segundo seus familiares, a razão pela qual requereram, também, sua localização e o traslado para o cemitério onde foi, originalmente, sepultado.

E, ali estão, hoje, de novo, os familiares, aproveitando a atuação da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, que é a primeira Comissão que foi instalada, no Brasil, para ajudar a Comissão Nacional da Verdade, solicitando, novamente, que sejam localizados os restos mortais de José Campos Barreto e Otoniel Campos Barreto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Queria passar a palavra para o André Vilaron, da Comissão Nacional, antes de ouvir os depoentes.

O SR. ANDRÉ VILARON – Obrigado, Adriano.

Eu acho que, hoje, aqui, pra gente, a presença do Sr. Olderico e do Sr. Olival, é importantíssima. Esse caso, pra gente, é muito importante.

A gente tem conversado muito com a Comissão de São Paulo, e, numa reunião em 19 de maio, da Comissão Nacional da Verdade com as comissões parceiras, houve compromisso, com a presença de todos os membros da Comissão Nacional da Verdade, de ir à frente, no caso, de colocar o nosso trabalho à disposição, na localização dos corpos do Zequinha e do Otoniel, exumação e o traslado, conforme é o desejo da família.

Enfim, acho que, aqui, hoje, o fundamental, pra gente, é ouvir vocês, ouvir os senhores. Só queria registrar a importância do trabalho do Sr. Olderico, desse trabalho de memória, no local, sabe, a ideia do memorial, a celebração que é feita, todo setembro, que é feita, no local.

Esse trabalho de conscientização de novas gerações, que o senhor tem feito, que a Thaís, também, é um exemplo que a gente tem visto, aqui. Isso é muito importante. Favorece, muito, à sociedade brasileira, esse tipo de iniciativa de vocês. E queria só registrar, aqui, meu

agradecimento, e meus parabéns, pelo trabalho que vocês estão fazendo. E, o que a gente puder ajudar, a gente está à disposição.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu só queria dizer, de um jeito mais tranquilo, mais informal, que a família Barreto está muito bem representada, aqui em São Paulo, por essa, vou falar de um jeito simples, por essa menina tão correta, tão honesta. Então, vamos lá.

Passo a palavra, tem um microfone sem fio, pra você ficar mais à vontade. Então, pode começar a falar livremente as suas memórias, suas recordações, se apresentem, vamos começar, hoje à tarde, vamos gravar esse depoimento.

Com a palavra, Olderico Barreto.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Bom, boa tarde a todos. Meu nome é Olderico Campos Barreto, irmão de José e Otoniel Campos Barreto, ambos atingidos, assassinados, pela Operação Pajuçara, da qual nós fomos os primeiros atingidos.

A casa da gente foi cercada, tenho aqui, ao meu lado, meu irmão, que tinha 11 anos, e que presenciou todo esse cenário de guerra, de violência, numa situação que, até hoje, ela é inesquecível pra nós, pra ele. E, a família, passou por um processo que não parece nada com coisa do Brasil, nada com a realidade nossa, uma coisa totalmente fora dos padrões, de sofrimento, nacionais.

A gente pode dizer na qualidade de familiar, que no dia 28 de agosto de 1971, a gente amanheceu com nossa casa cercada, e, nesta casa, que estava meu pai, meu pai, essa criança, que tinha 11 anos, minha irmã de 15 anos, 16, e receber... Eu estava ali, Zequinha já não estava ali, nós já tínhamos um prenúncio de que já estava, o cerco tático daquela Operação, já estava acontecendo.

E, Zequinha, já saiu dali numa quarta, isso foi no sábado, esse 28 de agosto, e Zequinha mantinha distância, porque... E nós já tínhamos uma vigília. Nós passávamos a noite nos revezando, dormia-se duas horas, o outro acordava o que estava vigiando. E nós já estávamos com esse estado de vigília, na casa.

E, esse estado de vigília, de alguma maneira, nos deixou com alguma preparação. Porque as pessoas que não participaram dessa vigília, as crianças, que foram totalmente surpresa, pra mim foram o maior, foram os mais atingidos, os mais, não é, a ausência... O fator surpresa, tudo.

Então, eu vinha participando dessa vigília, junto a Santa Bárbara, junto ao Otoniel, que ainda estavam dentro de casa, um dormia até sete horas da noite, outro dormia, depois acordava, e, nós tínhamos, nessa noite, então, de 28, pra amanhecer o dia 28, nós, eu e o Otoniel, acabávamos de chegar do acampamento, onde estavam o Zé e o Lamarca, estava a mais ou menos 1500 metros

de distância do povoado , e a gente chegou dali, com uma missão, apenas, que era a mais importante: era de manter os nossos companheiros informados.

Eles não queriam, escutaram, pediram, nós não tínhamos que reagir, nós não tínhamos que nos, era importante, se possível, visse alguma coisa, se visse um corpo estranho, nos escondesse, depois, se aparecesse para dar informação, era.

E, ali, se esperava tropas regulares, porque tinha uma notícia de que, num município, já haviam queimado um cartório, uma ação, típica, da esquerda brasileira, não é, de protesto, de queima de cartório, e que este cartório ia ser investigado.

Se esse cartório ia ser investigado, nós, pelo fato de Zequinha estar ali perto, no município vizinho, e esse cartório ia ser investigado, poderiam ir uma investigação até a nossa casa, e isso levou o Zequinha a nos deixar um recado: caso haja alguma, chegue alguém da Repressão , qualquer que seja a repressão , que a gente dissesse que Zequinha saiu, se insistisse, quisesse arrancar da gente, a gente pudesse dizer que ele foi pra Ibotirama, dando já uma saída, pra que a gente não morresse na tortura, e que ele disse que só voltaria depois que descobrissem a queima desse cartório. Que, na realidade, esse cartório já fez parte da estratégia da Operação Pajuçara, de queimar um cartório, para poder Lamarca não se afastar dali, que era o...

Então, esse fator, aí, nós já passamos pelo primeiro fator surpresa, quando vimos a nossa casa cercada por homens armados, metralhadoras, fuzis, e sem farda. Isto, nós esperávamos. Todo raciocínio que eu tinha com meus 23 anos, de inexperiência em tudo, mas, quando vi aqueles homens que já eram a imagem , esses homens, eu tinha passado, aqui, estava num bar, um bar, padaria, e vi aqueles homens sentados, de metralhadoras, depois do assassinato de Marighella , isso eu tinha visto em São Paulo, e, depois, de outros assassinatos, lá em Altino , e que eu vi aqueles homens, que eu, inclusive, passei por eles num bar, apanhando um pão, e vi esses homens chegarem na minha casa, então eu identifiquei que era o Esquadrão da Morte, e senti a necessidade de informar os companheiros. Porque, em casa, não tinha nenhuma tropa regular, e, sim, o Esquadrão da Morte, e, aí, não tinha como a gente sair, mais.

Otoniel recebeu uma coronhada, no abrir da porta do fundo de casa, e, no receber essa coronhada, ele estava assistindo, na realidade, a gente tinha dois revolverzinhos no bolso, e Tadeu, meu primo, me chama que o Buriti estava cercado por homens armados, e eu fui chamar o Otoniel, que era a única pessoa, que nós acabamos de chegar, à meia noite, fui lá, acordá-lo, para dar essa informação.

E na hora, pelas informações que a gente tinha de Zequinha e Lamarca, guardar nossos revólveres, ficamos discutindo o que fazer: “Toni, você guarda o seu num lugar, e eu guardo o meu no outro, porque, se acharem um, não acham os dois”. E, aí, ficamos imaginando.

Nisso, ele vai saindo para o fundo da casa, e o nosso portão, cortado horizontalmente, tinham duas metades, quando ele abre a parte superior, levantam quatro armas, ali. Ali, eu tinha visto três metralhadoras e um fuzil, nesse portão. E, no abrir, ele tomou um susto, o cara já puxou ele pela camisa, pela abertura, e puxaram pra fora, e, o do fuzil, já deu uma coronhada, e já jogaram ele, pra fora, e viraram as armas pra mim.

E é nessa hora que eu fiquei com a opção, ou de me entregar, ou de avisar. Mas o avisar falou mais alto, e eu digo: “Não, não vou me entregar, morrer, aqui, sem avisar meus companheiros, que vão acabar, também, morrendo aqui”.

E, aí, como eu não consegui guardar esse revólver, que era um revólver calibre 32, que era muito levezinho, que a gente viajava, muito, a cavalo, por serras, e é bom dizer que, no Buriti, não tinha estrada de rodagem, todo percurso que a gente fazia por aquelas serras, era a cavalo ou a pé, então, acabei utilizando desse revólver para sair, avisar meus companheiros desta presença.

E, ali, quando eles foram prendendo Otoniel, que puxaram pra lá, viraram essas armas para mim, e: “Venha você, também”. Eu estava ao redor, encostado na nossa mesa da sala, e tinha uma varanda, pela frente, onde tinham duas portas, à esquerda: a entrada da cozinha, e, mais adiante, a entrada de um quartinho. Quando eu vi as armas, eu digo: “Se eu entrar naquele quartinho, eles me atingem”, porque ficava só um meio metro de parede. Então, fui andando, obedecendo essa trajetória, e entrei na porta da cozinha. A porta da cozinha estava aberta, então, do jeito que eu fui seguindo, eu me escondi.

E, ali, tomei a decisão, qual seria, e a decisão foi essa: se eu caio, aqui, primeiro, a tendência era, morrer, morrer, que eu já conhecia do grupo, era você morrer na tortura. E, morrer na tortura, e levar os outros companheiros na morte. Então resolvi, peguei esse revólver 32, saí com ele, e, quando eu botei a cabeça, só via a cabeça dos homens no portão, eles fecharam a parte de baixo, e eu só via os olhos, deles, e as bocas das armas, estavam todos, em mira, na minha direção.

Dei o primeiro disparo, eles limpavam esse portão, mas, eu já comecei a ouvir, dos dois cantos da casa, o tiroteio pro meu lado, e, em seguida, eles entraram os três, ficaram três fontes de tiroteio. E é bom dizer isto: eu achava aquilo baixo. Eu estava achando muito pouco, que era um amanhecer, e meus companheiros estavam muito distantes. Não era um tiro para acordar alguém, ali. Eu queria mais. Eu acho que, se tivesse morrido, e morri, depois, por algum tempo, mas morria achando que ainda não tinha cumprido minha missão, que aquele barulho ainda não era suficiente para romper 1.500 metros, para chegar lá.

E, aí, eu minimizava esse barulho, e achava até, que era, eu pensei inicialmente, quando não me atingiram, que aquilo fosse bala de borracha, eu pensei, digo, deve ser uma brincadeira, e não acreditei, até que fui ferido.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, a ideia do senhor era que tivesse um barulho pra...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Acordá-los. Eu só queria acordar esse pessoal, e dizer: “Não é tropa regular, não é nenhuma arma o que está aqui, e, sim, é o Esquadrão da Morte”.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, eles estavam onde?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Eles estavam num pico de um morro, atrás de uma propriedade da gente, que, pra propriedade, é de dois km, mas na linha reta desse pico de morro dava, em média, 1.500 metros.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sr. Olderico, então, agora que o senhor começou comentar os últimos momentos, vamos começar, já que o senhor começou do fim pro começo, vamos começar do começo.

Quando eles chegaram lá? Como é que foi a chegada? Como eles chegaram? E vamos reproduzir quantos meses antecederam a chegada das tropas, vamos reconstituir o clima da época. Fala da sua família... O que vale é o seu depoimento.

Quantos anos o senhor tinha, se o senhor tinha notícias do Zequinha, a partir de Salvador, porque tem aquela história daquela Kombi, que foi lá, aquela história mal contada, até hoje. Quantos anos o senhor esteve preso?

Vamos contar do começo, tudo, vamos lá. Começar desde quando eles chegaram, se o senhor se correspondia com o Zequinha, aqui em São Paulo, se o senhor vinha vê-lo, de vez em quando, depois da greve...

Porque eu também sou, mais ou menos, contemporâneo, então, alguma coisa eu me lembro, que eu fui lá, pra Osasco, para ajudar na greve... Então, algumas lembranças eu tenho.

Então, eu queria que o senhor, com calma, pudesse recompor todo esse clima da época. Vamos lá.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Bom, o que eu poderia já, então, pegar, assim, como é que se diz...

O SR. – Um cronômetro.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Um cronômetro, como aconteceram as coisas. Um cronômetro, é isso mesmo. Vejamos.

Assim que Zequinha foi preso, foi uma grande... Um grande... Como é que diz, rapaz? Foi um acontecimento que mexeu com todos nós. E, sobretudo, a figura de Zequinha, que era uma pessoa extremamente é, extremamente solidário a todas aquelas pessoas.

Zequinha ia no seminário, Zequinha recebia cartas de pessoas, recomendações, lembranças, de pessoas que eram aleijadas, que tinham deficiência, que não falavam, que era mudo, era preciso traduzir, coisas pra Zequinha. E, Zequinha se perguntava por todas aquelas pessoas idosas, como estão aquelas pessoas, como está o mudo, como está... E esses mudos, essas pessoas, comunicavam.

O fato de torturarem Zequinha, que ficou implícito, denunciado, dele, isso nos deixou com uma interrogação muito grande: por que torturar um homem desses, por que torturar uma pessoa dessas?

Então, Zequinha, assim que ele sai da prisão, aqui, ele vai lá, e me traz. A partir de então, eu começo a acompanhar os passos de Zequinha. Até ali, Olderico não sabia o que era regime militar, não sabia o que era nada, porque nós estávamos fechados numa região que, sequer, se ouvia um rádio, como já foi dito por Thaís, e a gente ouvia um rádio, e quem gostava de música, pra aprender uma música, num rádio, era um negócio incrível, então, nós tínhamos até admiração por pessoas que cantavam, e conseguiam, porque não tinha como retroceder uma faixa de música, outra, pra poder... Era aprendido as coisas, eram dessa forma, era o rádio, mesmo, único meio de comunicação.

Inclusive, Zequinha, até pra poder ouvir o mundo, Zé comprou um rádio Transglobe, de cinco faixas, e nós ouvíamos o mundo, através do rádio, lá no acampamento. Chegamos num ponto do Lamarca: “Ô, eu ouvi a notícia que eu fui preso”, e a gente comemorava essas mentiras da ditadura, e tal. Vim pra São Paulo, com Zequinha. Chegando, no caso...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pra Osasco?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Eu vim pra Osasco, mas acabei ficando no Jaguaré. Zequinha tinha ficado, eu tinha um tio, tio Isaias, que morava em Osasco, Jardim Santo Antonio, e o tio Pedro, que morava no Jaguaré. Eu, logo que cheguei, fiz alguns bicozinhos, e comecei a trabalhar no Jaguaré, também, próximo ao meu tio do Jaguaré. E, ali, a gente começou a receber uma assistência política, de pessoas que nós – inclusive, Iara. Iara passou a nos dar

assistência nesse núcleo do Jaguaré. Um grupinho de pessoas, de operários, e a gente começou a receber, Zequinha já não podia vir tão frequentemente, por causa, lá, da queimação.

Zequinha, depois de preso, ficou de assinar um ponto, mensalmente, na Auditoria Militar, 1ª ou 2ª, 2ª, não é, 1ª é Rio e, neste caso, quando editou o AI-5, aí ele parou de ir, e caiu na clandestinidade. Aí, ele sentiu que não tinha mais segurança, não tinha mais nada, e, aí, ficou. E exatamente por isto, Zequinha ia muito esporadicamente visitar a gente, com muito, com horários tardios, pra poder chegar na gente, não é, ficar, e tal. E Iara, então, passou a dar essa assistência ao grupo, e estar, lá, com a gente.

A partir de então, eu disse ao Zé, aí dentro dessa coisa toda: “Zé, onde for possível aonde for possível, eu gostaria de estar junto com você. Aonde não... Mas aonde for possível.” Daí, com essa dificuldade de viver em São Paulo, ele me diz que pretende ir pra Bahia. Eu digo: “O dia que você decidir, me avise que nós vamos juntos, eu vou lhe acompanhar.” E, daí, eu estava, já, trabalhando na Twill, em São Paulo, quando ele me avisa, eu pedi demissão da Twill, e saí com ele pra Salvador, e fomos.

Nesta época, ligados à VAR-Palmares, ele era um militante da VAR, e nós fomos pra lá, com a intenção de montar um trabalho de conscientização, o que foi interrompido, apenas, quando o PCBR fez aquela ação armada, em dois bancos, na Liberdade, simultâneos, lá. E que, aí, atraiu a Repressão, e atraiu a Repressão a Salvador, aí, foi desativado o trabalho de Salvador. Voltando, então, Zequinha, voltei desse trabalho que estava, voltei, sem ele, para o Rio, desencontrei de um pessoal eles que nos aconselharam, e vim para São Paulo, onde já conhecia.

E, daí de São Paulo, como eles tinham o endereço, eles escreviam, e tal, eu consegui... Eu já estava trabalhando, em 1970, final de 1970. Se, de Salvador, a gente teve o falecimento da minha mãe, estivemos lá, no interior, sepultamos, voltamos. E, aí, vim pra São Paulo. E recebi um telegrama dele, uma carta, assim, dizendo que ia voltar, que estava voltando pra Brotas de Macaúbas.

Automaticamente, eu estava trabalhando lá na Cogeral, Companhia Geral de Laminação, à rua Ibitirama, em São Caetano, na entrada ali de São Caetano, e voltei pra Brotas de Macaúbas, onde ele tinha o projeto que foi me passado, os objetivos todos. Mas, a mim, era o interesse que ele tinha, que tinha um projeto de sobreviver, aquelas pessoas, os quadros mais procurados, da Repressão, e que não queriam se exilar, que queriam ficar no Brasil.

E que, depois da morte de mãe, meu pai falou, aventou a possibilidade de vender aquela propriedade, uma propriedade conseguida nos anos, eu tinha 3 anos quando meu pai comprou aquelas propriedades, ali, mudou-se, do pé do morro, pra Buriti.

E, ali, então, com esta morte de mãe, e com o dizer de meu pai de vender, Zequinha tentou, mas nós já vínhamos, inclusive... Já tínhamos saído três vezes, para ir buscar esses companheiros, e voltava só.

E ele montou, queria montar, uma base legal, que esses companheiros que iam chegar, esses mais procurados, não iam ser vistos por ninguém. Nós queríamos poder buscar alimentos, servir eles no mato, botar eles em algum lugar que não fossem vistos. Esse era o projeto que eu participei, e, inclusive, fui eu o encarregado de arrumar o 1º, o 2º e o 3º acampamento, e até o 4º, o acampamento, último, onde ele esteve, onde eles saíram dali, com o barulho do tiroteio do Buriti.

Bom, então, eu sei que Lamarca chegou ao Buriti, na região, no Boqueirão, vindo de Brotas pela estrada, à noite, uma estrada de pedestres, e chegou, ali, no dia 28 de agosto. Eu me lembro, que no dia 29...

A SRA. THAÍS BARRETO – Não, pai...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – De junho, desculpe. No dia 28 de junho. Dia 28 de junho. Dia 29, eu ia, até, participar de uma quadrilha, tinha uma parceira, que a gente tem naquelas quadrilhas, não é, brinca-se aos pares, e eu tive que pedir desculpas à Clarice, uma garotinha, também da minha idade, e pedi desculpas, porque apareceu um imprevisto, nada poderia dizer a verdade, mas um imprevisto. E eu acabei voltando, indo a Salvador, naquele dia, viajando, e não pude participar da festa de São Pedro, que era uma quadrilha, e tal.

Então, ali fui, e, dali, eu sei que exatamente dois meses depois, no dia 28 de agosto, que é o que fica mais imaculado na mente da gente, chega a Repressão, invade a nossa casa, e tem o desfecho, do qual nós começamos a tirar a primeira, a primeira, como é que se diz, capa, de cima dele.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, recupera só, pra gente, um pouquinho, essa... O senhor busca o Lamarca em Salvador? É isso? E chega com ele? Como é...? Ele chegou sozinho, então?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Não. Eles ficaram, pelo que me consta... E a gente, hoje, tem, porque tudo naquele, Ivan, não é?

O SR. ANDRÉ VILARON – Adriano.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Adriano. Deve conhecer. Nós, naquela circunstância, não poderíamos saber de nada que não fosse ultranecessário. Eu saberia das coisas que ia ter no meu trajeto. Mas eu não saberia do que o outro iria fazer. Não é? Era uma situação de uma, era um regime militar, que a gente tinha que ter todos os cuidados.

O que eu sei, e, aí, depois é que eu vejo, até, que depois que morre é que a gente conhece o que é a Repressão, que invade toda nossa privacidade, é que a gente fica sabendo de muitas coisas que não era pra gente saber, mas o que eu sei, é que Salgado teria vindo, porque eu voltei com o João Lopes Salgado para Salvador, e trouxe algumas coisas de Salgado, que precisava vir pra cá, tá certo?

Então, como eu levei Salgado, tinha uma trajetória de, pelo menos, 40 km de serra e de estrada, para chegar ao local do ônibus, eu saí com ele, com orientação de me sentar na frente do ônibus, e, ele, sentaria atrás. E, se viesse qualquer repressão contra ele, eu não tomaria conhecimento, só teria que trazer a notícia. E, assim, fui a Salvador e voltei, sem nenhum problema. Chegada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos entender melhor. Quantos dias eles ficaram, desde o dia que chegaram, até o dia que a Repressão chegou?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Dois meses.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dois meses.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Dois meses.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dois meses.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Lamarca, não é. Porque Santa Bárbara chegou no início do... Santa Bárbara, que vale até mais, Santa Bárbara chegou bem antes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, chegou bem antes.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Chegou bem antes.

A SRA. THAÍS BARRETO – Ele era professor.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, e aí, ele já se organizou lá na cidade, ficou como professor.

A SRA. THAÍS BARRETO – Ele dava aula para as pessoas da comunidade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aí, chegou o Lamarca e o Zequinha.

A SRA. THAÍS BARRETO – Aí, o Lamarca chegou...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Totalmente estanquizados.

A SRA. THAÍS BARRETO – É. O Lamarca chegou e ficou isolado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isolado.

O SR. – Completamente isolado.

A SRA. THAÍS BARRETO – Ele não podia ter contato com ninguém, e, quem o viu, conheceu como João.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O motorista da perua era o...

A SRA. THAÍS BARRETO – José Carlos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – José Carlos. E ele falou um outro nome, aí – o que ele falou.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Salgado.

A SRA. THAÍS BARRETO – João Lopes Salgado, que ele está, até, naquele documentário – tanto no da Iara, quanto no “Do Buriti a Pintada”. Porque o João Lopes Salgado era o que fazia o contato do MR-8. Ele era a ponte...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A ponte entre Salvador e...

A SRA. THAÍS BARRETO – Ele era, entre a capital e o campo. Então, ele conhecia todo mundo, foi ele que entregou, inclusive, as cartas do Lamarca pra Iara, pelo menos, passou pelas mãos dele, aquelas cartas, e ele foi uma ponte muito importante, porque ele conseguia aquele acesso, ele nunca foi pego nesse trecho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Mas espera um pouco...

A SRA. THAÍS BARRETO – E aí, eu acho que o que é interessante, Adriano – acho que é aí que você quer chegar. É o seguinte: como foram esses dois meses, entendeu?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso. Isso.

A SRA. THAÍS BARRETO – Como, a partir da chegada dele, aquele núcleo que estava sendo formado... E eu queria, também, comentar uma coisa que tio Olival costuma me falar: que meu avô, depois, andou lá por aquele terreno, e encontrou um caderno que tinha muitos nomes. E ele, automaticamente, com medo de que aquelas pessoas ficassem ligadas, e que a Repressão voltasse e pudesse, talvez, matar essas pessoas, ele queimou esse caderno.

Então, talvez isso explique, um pouco, se tinha mais gente que participava, no que consistia, porque a coisa mais difícil, tecnicamente falando...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nome de pessoas lá da região, ou de outras...

A SRA. THAÍS BARRETO – Lá da região, mesmo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Da região.

A SRA. THAÍS BARRETO – Que estavam sendo contatadas, para o trabalho que eles queriam fazer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

A SRA. THAÍS BARRETO – Porque a coisa mais difícil, dessa história, como é importante lembrar, mais difícil, porque, tecnicamente, todo mundo questiona o que vocês estavam fazendo, o que era lutar contra a ditadura. Porque, pra informação das pessoas, só chega assim: eram terroristas, e eles andavam armados. Ninguém sabe o que levaram eles a fazer isso. Então, talvez, tentar isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pera aí, Thaís. Deixa eu tentar. Eu já ouvi essa história tantas vezes. Mas, o relato, é como se fosse, tudo, a primeira vez. Então, aqui não tem coisas já esclarecidas, ou já ditas, anteriormente. É um fato gerador, não é.

Então, qual é o objetivo dessa reunião com a Comissão Nacional? É ver se consegue fazer a exumação... Do fim, para o começo. Agora, então, vamos lá.

O Santa Bárbara chega quando? Quem o levou? Como era o contato? Veio de Salvador, veio do Rio de Janeiro? Quem o levou? Quem levou o Lamarca e Zequinha? Quando foi? Essas pessoas ficavam no Rio, ficavam em Salvador? Quando caíram? Como abriram, quando abriram? E, aí, o clima de lá da cidade, que é o que eles vão contar.

A SRA. THAÍS BARRETO – Tá certo. É isso aí, pai.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, faz precursora, todinha. A precursora. Porque você lembra, e aí eu vou perguntando pra eles. Ou pergunto direto pra eles?

A SRA. THAÍS BARRETO – Eu acho melhor o pai, mesmo, falar isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos lá.

O senhor trabalhava lá perto da minha casa, lá na Cogeral, lá na Vila Prudente, que o senhor chama de São Caetano, lá na rua Ibitirama.

O SR. ANDRÉ VILARON – Adriano, nessa parte do Santa Bárbara, talvez, até, o Sr. Olival poderia... Enfim, vocês, eventualmente...

A SRA. THAÍS BARRETO – Mas só para pegar, historicamente, você começa e...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu começo, e passo a bola pra ele.

Então, vamos lá. Começa tudo de novo. Olderico Barreto.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olderico Barreto, irmão de José e Olival Barreto...

A SRA. THAÍS BARRETO – Não, pai. Só para efeito de gravação. Pode continuar o que ele perguntou.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Tá bom. O que eu posso dizer, então, do que me lembro, do que tem na minha memória desse período, do quando foi, é que, estabelecendo assim, uma sequência nas coisas... O primeiro a ir pra lá, foi Zequinha, que me chamou. E estava montado.

Santa Bárbara chegou ali como Roberto, um ex-seminarista, Zequinha apresentou-o a todo o povoado, era um colega de seminário, que vinha pra ali, e que começou, e se instalou ali. Logo que Santa Bárbara chegou, começou a ganhar a simpatia de todo mundo, porque era muito bom em bola, que a gente sabe, até, ele foi do Juvenil, do (ininteligível) e, daquele baixinho lidar com a bola, ele conseguiu conquistar todo mundo.

E, ali, ele ficou. Logo, logo, era Roberto pra lá, Roberto pra cá, com toda uma intimidade. E, ele vendo as carências do local, ele passou, não tinha escola, não tinha professor, ele passou, então, a dar aula pra todos, naquele povoado de Buriti Cristalino, que passou a viver uma, ter um professor regular, e chegando ao ponto, como a gente já falou, de produzir peça teatral com aqueles alunos todos, sendo atores.

Nós fizemos, esse, aqui, foi um ator-mirim, nós fizemos uma menina de 5 anos, que cantou a música, nenhum deles seria liberado pela censura da época, uma garotinha que chamava... Como chama ela, a menina de Terezinha? Acho que era Zita, não é?

O SR. – Zita.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Uma garotinha de 5 anos. Esse teatro era uma das maneiras de comunicação, e de passar o recado para todo mundo. Esse teatro, eu me lembro, que quando terminou a peça, nossa! Me bateu, eu vi uma vibração tamanha, no pessoal, que perguntei ao plenário, que também fui um, contracenei com Zequinha, em algum momento, lá, e perguntei ao plenário se eles gostariam de rever alguns daqueles atos. E aí, foi uma coisa, que levantou e fizeram a peça ser reapresentada. E, com o maior prazer, já que não tínhamos, também,

aquele sábado, a gente não tinha nada, e, esse sábado, me parece, que isso era em torno, era 14 de agosto. Faltaria menos de 15 dias pra Repressão nos bater, ali.

Então, nesta vibração, dessa plateia, nós já voltamos, e começamos, repetimos, como se houvesse uma segunda, voltasse um disco, outra vez. Todos os atores voltaram em cena, e fizemos de novo a peça. Também, não sabia se era a última vez que a gente ia fazer essa peça, e acabou sendo repetida no mesmo ato.

O SR. ANDRÉ VILARON – Então, a população era bem pequena, não é, Sr. Olderico. A população, o senhor tem ideia, mais ou menos, de quantos?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Rapaz, no Buriti Cristalino, nessa época ainda tinha muita gente. Nós tínhamos dois times de futebol, completos, que digladiava toda tarde naquele, um vestia a camisa, para dizer, e logo, a do Flamengo, com certeza, e, me parece, Botafogo, não é, Olival? Ou era Vasco e Flamengo. Eu sei que eram duas camisas cariocas, porque ali entrava mais a Rede Globo, e eram os times do Rio, não é, os times que se ouviam, os que, Rádio Globo, desculpa, não era Rede, Rádio.

O SR. ANDRÉ VILARON – O senhor fala, seriam, mais ou menos, quantos habitantes?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha, o Buriti chegou a ter, num passado mais recente, duas, três mil pessoas. Mas naquele período, eu acho que eram em torno de umas 100 famílias, em torno dali, naquele estado. Mas a força do garimpo sempre trazia, a cada, como se diz, quando começa, a cada procura de quartos, aumentava a população, eles estimulavam o preço, e voltava muita gente pra atividade do bem mineral, que era o quartzo.

O SR. ANDRÉ VILARON – Eu pergunto isso, porque deve ter marcado muito, não é, o Roberto, o professor, imagino que essa coisa do teatro, da escola, também, alfabetizando as pessoas, imagino que deva ter marcado tanto quanto marcou, depois, a chegada dos agentes à paisana, e todo, ver metralhadoras, e todo barulho, na época.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha, eu participei da celebração de 2001, que foi a primeira, dos 30 anos, e que a mãe do Santa Bárbara conseguiu resgatar o filho, inteirinho, ali no povoado, e que você, não teve quem não chorasse.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Olival Barreto.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Boa tarde a todos.

Não é fácil, pra mim, falar sobre esse assunto. Principalmente assim, em público. Eu já tentei umas vezes, aí, e não consegui. Vou ver se eu consigo, hoje, falar alguma coisa. Falar do que eu presenciei lá, mais da parte, mesmo, da Operação, quando eles invadiram nossa casa. E as cenas de brutalidade, mesmo, que eu presenciei, com a idade que eu tinha, estava completando 12 anos, então, são coisas, assim, que ficou marcado, mesmo.

E, durante esse período todo, eles ficaram instalados, na nossa casa, durante uma semana. Eu assisti muito eles batendo no meu pai, não é, ouvia os gritos dele. E não foi ele. Foi uma coisa muito pesada pra minha infância, e até hoje.

Então, eles ficaram por ali, na nossa casa. No momento em que eles chegaram, houve a morte do Otoniel e do Luiz Antônio, que era o Roberto, nosso professor, que Zequinha tinha levado pra lá, para dar aula para nós, e, eu me lembro que eles, no momento, enterraram os corpos dos dois, lá no Buriti Cristalino, no cemitério do lugar. E logo em seguida, umas duas ou três horas depois, eles mandaram arrancar o corpo deles. Que, acho que veio uma ordem, lá de Salvador, que tinha que levar os corpos pra lá. Aí, eles desenterraram, botaram no helicóptero, e levaram os meninos pra lá.

E, durante esse período, eles ficavam com meu pai, pra cima e pra baixo, levando eles pra fazer aquelas buscas, ali, que o que eles queriam, mesmo, era pegar o Cirilo, que eles chamavam o Lamarca de Cirilo. Era, “E o Cirilo, o Zequinha, onde é que eles estão?”, essa coisa. Eu sei que eles ficaram por ali de 28 de agosto, foi num sábado, até a sexta-feira seguinte.

Eles me botaram uma pessoa, um vizinho, para tomar conta de mim, porque eles invadiram nossa casa – e eu fiquei na casa do Sr. José de Virgílio, que foi uma pessoa, do lugar, que nos deu muito apoio, acho que foi o único que conseguiu dar um apoio pra gente, porque as outras pessoas do lugar, todas sentiam muito medo. Eu, mesmo, cheguei a ir à casa de pessoas que bateram a porta na minha cara, entendeu?

Aí, eu fiquei imaginando: nossa, eu recebi uma porta na cara, imagine quantas portas na cara Zequinha e o Lamarca não receberam, durante esse período que eles ficaram naquela serra, no lugar, procurando uma comida, alguma coisa, então, devem ter levado várias. Tanto que as pessoas falaram, que o cara que fez o caixão do Zequinha e do Lamarca, eles mandaram fazer um caixão só, pros dois. E, o rapaz que fez o caixão, falou que eles estavam muito magrinhos, não é.

Então, voltando um pouco à história, lá do Buriti, eu sei que eles ficaram essa semana, lá, e quando foi nessa sexta-feira, parece que receberam uma ordem, lá de Salvador, que eles tinham que

evacuar, que eles tinham que voltar, que eles estavam dando por encerrada, já, essa Operação, porque eles não achavam o Lamarca nem Zequinha – não tinha notícia, ninguém dava notícia.

Então, eles foram embora. Só que daí, uma semana depois, a gente só ficava ouvindo, ó, Zequinha e Lamarca passou em tal lugar, passaram em Ibotirama, passaram no Mocambo, passaram não sei aonde. Só que, por infelicidade, Zequinha foi passar num local que chama Três Reses, onde têm parentes nossos, e um infeliz, lá dos Três Reses, que é até primo da gente... Então, esse rapaz foi avisar, em Brotas, que Zequinha tinha passado lá, com o Lamarca. Como o Exército tinha oferecido esses prêmios, dinheiro, pra quem denunciasse, esse rapaz foi avisar em Brotas. E o juiz, lá em Brotas, pega um carro e vai até Seabra, e vai ligar, lá pra 6ª Região do Exército, pra voltarem. Aí, eles já voltaram com certeza de que eles já estavam lá.

Aí, eles chegaram lá por volta do dia 8, 9 de setembro, eles chegaram de volta. Tornaram a invadir a nossa casa. Estava eu, meu pai, e a Dolores, só, em casa. Nossa casa tinha sete pessoas. Aí, ficamos em três. De Olderico, que já estava baleado e preso em Salvador, Otoniel morto, Santa Bárbara, morto, e, Zequinha, estava fugido.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Olival, Dolores é...

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – A Dolores é minha irmã, que tinha 15 anos. Inclusive, ficou fugida da casa, porque não podia ficar em casa, até acertarem. Que eles falavam que iam estuprar ela, quando pegasse, pro meu pai: “É, vou dormir com ela essa noite”, nossa, eles fizeram miséria, lá, precisa ver o horror que eles fizeram com a gente.

E, eu sei que, quando eles voltaram, na segunda etapa da Operação, eles conseguiram, não é, pegar o Lamarca, praticamente já morto, porque o Lamarca não estava mais aguentando, muita gente da região viu Zequinha carregar ele nas costas, e até pediu pro Zequinha deixar ele, e Zequinha, que tinha condições de fugir, Zequinha não quis, não é. Ele até falou, pra pessoa, que “Amigos na vida, amigos até à morte”, Zequinha falou isso pra ele, e que morria junto com ele.

Então, eles foram mortos numa sexta-feira, dia 17 de setembro, quando foi no sábado, à tarde, veio uma pessoa de Brotas e trouxe a notícia. Um senhor, que chama Sr. Zé Novais, trouxe a notícia que eles tinham matado: “Ô, compadre Barreto, mataram o Zequinha e o amigo dele”. Aí, meu pai me chamou para me dar a notícia, ele falou: “Ô, mataram os meninos”. Isso foi no sábado, que o Zé Novais avisou.

No domingo, que era o dia da feirinha, lá, do Buritis, chegaram dois policiais e carregaram meu pai, levaram ele embora, a gente ficou desesperado, porque estava eu, a Dolores e meu pai, e só ficou eu e a Dolores, em casa. E os comentários do povo da rua é que eram tristes, eles falavam:

“Não, ele não volta mais. Eles vão matar ele, lá. O seu pai e Olderico, vocês não ver mais ver eles, aqui”. Nossa, nós ficamos desesperados, não é, ela, com 15 anos, e eu, com 11.

Eu sei que levaram meu pai. E daí, mais ou menos uns cinco dias, meu pai voltou, contando que ele foi pra Salvador para fazer o reconhecimento dos corpos deles, e que ele foi recebido, lá, por uma equipe de policiais, que tinha um tal de coronel Luís Arthur, que ele tinha sido muito maltratado por essa gente lá...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Coronel?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Luís Arthur. E meu pai contou que eles queriam que meu pai, ainda, arcasse com a despesa do sepultamento. Eles queriam que meu pai pagasse aquilo. Naquelas alturas, meu pai não tinha como pagar, então, eles fizeram aquilo como se estivessem fazendo, ainda, um favor. Isso que foi duro.

E, depois de tudo que aconteceu, eles botaram meu pai de volta, lá, levaram ele de carro, pra Salvador. Depois, levaram ele pra rodoviária de Salvador, e despacharam ele de volta, lá pra casa. Então, ele chegou contando essas atrocidades, ainda, que ele sofreu, lá em Salvador. Inclusive, disse que tinha conseguido ver Olderico no hospital.

Então, pra mim, foi a parte mais dolorosa, de tudo isso, não foi nem a ocasião em que eles estavam lá, no auge da Operação, foi no momento do recebimento da morte do Zequinha. Porque eu era muito ligado a ele, ele era como o irmão mais velho, eu, como o mais novo, então ele me carregava nas costas, pra onde ia, pra cima e pra baixo, pedia pra eu fazer algumas coisas pra ele, buscar um violão na casa de alguém, pegar um animal, na roça, pra ele fazer uma viagem, então, eu fazia tudo pra ele, não é.

A minha mãe tinha morrido no ano anterior, de 1970, e o Zequinha supriu, muito bem, a falta dela, pra mim, porque ele estava sempre, muito, lá em casa com a gente. Então, ele era uma pessoa que transmitia muita segurança pra gente, uma pessoa muito especial, mesmo, Zequinha era, sabe aquele cara que era um porto seguro pra você, pelo que ele representava pra família, muito querido por todo mundo. A nossa casa era muito cheia de gente, quando ele estava lá. E eu sei que, que acabou tudo assim, não é.

E essa Operação, ela refletiu até no próprio lugar, no Buriti Cristalino, porque o lugar, o Buriti, nunca mais foi o mesmo. O povo foi se mudando. Essa ocasião tinha perto de, sei lá, 80 famílias, 70, se você for lá, hoje, não tem 20 pessoas morando no lugar. Tem menos de 20, não é? Então, muitas pessoas, do lugar, falam que, além de ter acabado com a família, acabou, também, com o lugar. Entendeu? O Buriti Cristalino nunca mais foi o mesmo.

É isso que eu tenho a declarar. Se vocês quiserem...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E esse coronel, que é muito famoso, que é o cara que ficou com a arma do Lamarca, Nilton Cerqueira, não é?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Cerqueira.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cerqueira. Ele esteve por lá? Vocês o conheceram?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Claro. Claro. Eu vi, pessoalmente, o Cerqueira, o Fleury. O Cerqueira, os soldados o chamavam de Dr. Penteadado, porque ele tinha o cabelo parecido, assim, com o seu, um cabelo escorrido, assim, pra trás – eles o chamavam de Dr. Penteadado.

E, o Fleury, eles chamavam de Dr. Barreto. Ele era o Dr. Barreto. E eu cheguei, ele até, ironicamente, dizer pro meu pai, assim: “Olha, eu acho que nós somos até primos”. Entendeu? Eu ouvi, ele falando isso pro meu pai.

O SR. ANDRÉ VILARON – Olival, a morte do Santa Bárbara, o momento da morte dele – o que você lembra? Vocês estavam no mesmo cômodo.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – É. Nós dormíamos juntos, no mesmo quarto. Porque a gente era como irmãos. Ele tinha o dobro da minha idade, ele era da idade do Zequinha, era meu professor, e a gente via como irmãos. Então, a gente dividia esse mesmo quarto.

Só que, nessa noite, quando eu deitei, ele não estava. Mas, aí, quando foi tarde da noite, ele chegou, por volta de meia-noite, uma hora da manhã, ele chegou, e deitou.

Só que, no amanhecer, quando já estava amanhecendo, o dia estava clareando, o José Tadeu, que era um primo, que morava do lado, o Tadeu viu a polícia chegando, muita gente, montada a cavalo, fazendo não sei quê, e ele conseguiu entrar na nossa casa antes que a polícia. O Tadeu era da idade da Dolores, também devia ter uns 15 anos, pra 16.

Aí, eu me lembro que o Tadeu, primeiro, acordou o Olderico e o Otoniel, e foi lá pro quarto da varanda, onde eu estava com o Santa Bárbara, e acordou a gente. Aí, ele disse assim: “Roberto, a rua, aí, está cheia de polícia, e eles estão perguntando onde está Zequinha”. Só que nesse momento, aí, que ele foi avisando, que a gente acordou, já começou um tiroteio nos fundos da casa.

O Roberto pegou uma arma que ele tinha, assim, um revólver, em cima de uma mesinha, e foi lá pro lado dos fundos da casa. Que a gente estava no quarto da varanda, e a casa tinha um corredor, assim, pros fundos. Só que, quando eu coloquei o rosto na frente da porta, que olhei pros fundos, só tinha muita fumaça, porque tinha muitos tiros, estava aquele fumaceiro, que a gente não enxergava nada.

Só que o Roberto pegou, e voltou. Esse meu primo, o José Tadeu, entrou embaixo da cama, que a gente não tinha para onde ir, ele entrou embaixo da cama, e eu tive, logicamente, a ideia de entrar atrás dele. Só que o Santa Bárbara voltou, ele viu que não dava para ir lá, ele voltou e ficou de pé, atrás da porta. Eu, como estava embaixo da cama, eu via o Santa Bárbara só da cintura pra baixo. Ele chegou e se postou atrás da porta, e ficou ali, por uma questão de um minuto, ou dois, parou aquele tiroteio, ficou um silêncio.

Aí, vêm umas pisadas, de um coturno, uma pessoa caminhando, em direção, assim, do corredor até a porta do quarto, que ficou semiaberta. Aí, ele deu um chute na porta, que eu via de lá, eu também via o policial com a ponta da metralhadora, assim, e a via só da cintura pra baixo, também, porque eu estava debaixo da cama. Quando ele chutou a porta, já deu aquela explosão do tiro. Só que, esse tiro, não saiu da boca daquela arma, que estava apontada para mim. Saiu de outra arma, então, não é... E foi o momento que o Santa Bárbara caiu no chão. Quando ele caiu, assim pro meu lado, ainda me sujou de sangue. Aí, o policial me viu.

Nesse momento que ele caiu, o policial me viu. Aí, ele ordenou que eu saísse: “Sai daí, garoto”, e tal, eu saí. O José Tadeu também saiu. Aí, ele perguntou como era o nome dele, a gente falou que era Roberto, que, até então, a gente não tinha ideia que o nome dele era Luiz Antônio. Aí, eles pegaram os pertences dele, relógio, essas coisas assim, coisas que ele tinha, pegaram, e, em seguida, chegou um outro policial. Quando o outro policial chegou, que viu, o outro policial falou assim: “É o Santa Bárbara”. Falou que era o Santa Bárbara.

E, foi nesse momento, que o meu pai chegou, e viu aquela situação, do Roberto morto, e ele ficou desesperado. Foi a hora que o policial... A primeira cena de violência, mesmo, que eu vi, foi esse aí, contra meu pai, foi essa hora. Que eles bateram com uma bainha de uma faca, assim, no rosto dele, do meu pai, dizendo assim pra ele, xingando ele, dizendo que ele estava dando cobertura pra terrorista.

E, nesse momento, o José Tadeu, que já era, eu era criança, era um adolescente de 11 anos, o José Tadeu, que já era um rapazinho de uns 15 anos, o Fleury fez uma pergunta pra ele. E ele deu uma resposta, também, que eu não lembro como foi, eu sei que o Fleury não gostou, e o Fleury deu um tapa no rosto dele, que ele caiu no chão, o José Tadeu.

O SR. – O Fleury, mesmo.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – O Fleury, mesmo. Nessa hora. O Fleury, mesmo, esse que era o Dr. Barreto. Deu um tapa no rosto do Tadeu, com uma violência muito grande, que o menino caiu no chão. E tudo começou aí, o sofrimento da gente. Daquele momento, até os dias que eles permaneceram por lá, e até, quando retornaram, que tornaram a invadir a nossa casa.

Quando invadiram a segunda vez, estava só eu, meu pai, e a minha irmã. Eu lembro que meu pai estava dentro da cozinha, fazendo café, de manhã cedinho, e eles chegaram com a arma, com a metralhadora, assim, na porta, na janela da cozinha, que dava acesso pro meio, que a janela caiu em cima deles, a janela, pela violência que foi a pancada. Bateu na janela, a janela foi em cima dele, que estava no fogão, e ele: “Pelo amor de Deus!”, com as mãos pra cima, assim.

Aí, foi onde o levaram, a segunda vez, preso, pra esse local, que chama Pé do Morro. Que ele ficou lá ainda mais uns três dias, sofrendo mais, lá, preso, teve pessoas, da região, que viu ele amarrado como um animal, lá, dentro de um curral. Amarrado, mesmo. No Buriti, ele esteve de ponta-cabeça. E, lá no Pé do Morro, ele esteve amarrado, mesmo.

Porque Zequinha tinha passado pelo Pé do Morro, e, por um acaso, os policiais ficaram sabendo que ele passou num engenho, que ficava perto da região, então, levaram ele pra lá. E, depois, o meu pai voltou, foi solto, e, depois, a gente soube da morte dos dois, e, daí, teve o fato dele ter viajado, e essa coisa toda.

O SR. ANDRÉ VILARON – Além desses nomes – Sr. Olival e Sr. Olderico – além desses nomes de agentes, os senhores lembram – isso, pra gente, é muito importante – algum outro nome? Pra gente isso é...

A gente colheu um depoimento, recentemente, desse capitão da Aeronáutica, as fotos são atuais, se você puder... Que ele falou que esteve na Operação, que, inclusive, viu o tiro que matou o Santa Bárbara, enfim, ele foi uma das pessoas que participou, exatamente, dos fatos que vocês estão narrando, aqui, pra gente. Ele confessou isso, pra gente, que participou da Operação, e de outras, também, num depoimento, recente, à Comissão Nacional da Verdade.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – De nome, assim, que eu me lembre, mesmo, tinha um que chamava Martinez, Martinez, eu me lembro que esse era bem requisitado, lá. Lembro o nome dele, e me lembro do cabo, aquele que amedrontou a D. Julinda, era o... Que ele disse que era do DOPS do Rio de Janeiro, um torturador, que até vi o nome dele no livro de D. Paulo, eu vi o nome dele. É o... Como é que era o nome dele, mesmo, deixa eu me lembrar do nome dele, agora.

Me lembro de outro, também, que chamava Edésio, mas esse era do Exército. Esse era um rapaz que se comportava, assim, de uma forma mais diferente, esse era um rapaz novo, que até aconselhava a população, “Olha, vocês não saiam de casa, à noite, porque tem uns deles, aí, que atiram mesmo, assim, sem perguntar quem é”.

O SR. ANDRÉ VILARON – Mas ele estava fardado, ou não, à paisana?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Esse era o único que estava usando uma farda. Era o único, lá. Era um rapaz novo, assim, de cor, forte, alto, e que ele dava toques, assim. Teve um dos policiais, que eu não me lembro do nome, que me falou assim: “Se eles quiserem levar o seu pai, você segura no braço dele, e não o deixa ir sozinho”. Mas eu não me lembro do nome desse rapaz, que me falou isso.

Porque eu fiquei ali no meio deles, e, então, comecei a fazer amizade com alguns deles, e algum deles me falou: “Não o deixe ir sozinho, se forem levar o seu pai”.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, essas fotos são mais recentes. A gente está falando de um episódio de 43 anos, não é?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Isso. É bem difícil...

O SR. ANDRÉ VILARON – Mas foi uma pessoa que assumiu que participou da Operação, no caso que a gente está narrando, aqui. Participou da Operação Pajuçara, mas especificamente, na casa de vocês, que viu, presenciou a morte do Santa Bárbara.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Santa Bárbara. Olha, eu fui o único que nada presenciei desse momento do Santa Bárbara, até porque, eu soube que Santa Bárbara estava morto, quando chegou a equipe do Rio.

Porque nossa casa tinha sido cercada por São Paulo, pelo Fleury, inclusive, ele vinha, quando do primeiro tiroteio que eles fizeram, eles acharam que já tinham me atingido, e ele vinha com a metralhadora para me metralhar, e eu acabei dando um susto nele, que acabei encontrando ele. Eu ia fazer, repetir o barulho, e, aí, vinha ele, com a metralhadora, e acabou ele mesmo caindo com um felino, como se estivesse ferido, mas não foi. Quando ele viu a arma, ele pulou como um felino, e saiu da frente. Aí, continuou esse tiroteio, continuou esta coisa.

Mas eu queria assim: Santa Bárbara, então, depois da terceira tentativa que eu fui fazer, de continuar o barulho, é que eu fui ferido, por atiradores de elite, que me acertaram, me acertaram, e eu não consegui, sequer, dar o terceiro disparo. Eu, também, acredito que o impacto dessa bala, eu estou vivo porque, se o senhor vê como estava atirando, primeiro, passou pela minha mão, perdeu, no caso, a sua força, e, depois, me atingiu de uma maneira que eu caí morto, mas, ainda, consegui sobreviver.

O SR. ANDRÉ VILARON – No rosto, não é, Sr. Olderico? Foi no rosto, não é?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – No rosto. Foi no rosto. Ela abalou um dente, e me pegou – tinha um pedaço, aqui, que eu tirei, até, numa cirurgia plástica, agora, depois que eu estava trabalhando no metrô, eu fiz, e tirei um pedaço bem significativo de uma cápsula, dessa bala. Meu rosto, inclusive, numa radiografia, aparece a presença, muito, de chumbo. Muito chumbo, no rosto e na mão. Desse período.

Bom, mas o que eu queria dizer é isso. Registrando: Santa Bárbara, foi a maior surpresa, quando chega a turma do Rio. Isso eu, está no livro de Emiliano, está no meu depoimento no livro, mas a diferença do “s”, do Rio, ao sotaque de São Paulo, como eu já tinha familiaridade, e do Rio, também, mas reconheci esse pessoal do Rio... Eles chegaram de helicóptero. Eles vieram de madrugada, a cavalo, a pé, e esses que cercaram a nossa casa é que são responsáveis pela morte de Otoniel e Santa Bárbara.

E, então, quando fui preso, e depois desse ferimento, que acordei, esse relato passo no livro, está com alguma precisão, ali. Então, eu sou preso, e passo a ser torturado num pé de um mourão, onde eles me misturavam com estrume de animal, com essa coisa toda, e me reviravam, chute em todas, na região dos rins, pra lá, pra cá, e tal, eles me quebraram nesse dia, que eu ficaria difícil, eu tive muita dificuldade, no dia seguinte, de levantar sozinho de uma cama, de entrar num carro, de me curvar.

Eu não sentia nada, não reclamei, felizmente, eu tive uma conduta que não pedi. E eu acho que, também, eu não sei, vi meu pai, também, que não pediu nada, a eles. Mesmo eles pondo no pau de arara, à noite, o velho não pedia para tirar.

E eu, também, não pedia, não pedi a esses homens pra nada. E o que eu diria, nesta hora, é que, quando chegou esse pessoal do Rio, havia uma competitividade. O Rio achava que a gente não estava contribuindo, que não descobriram o acampamento, porque a equipe de São Paulo era bunda-mole. Então, o Rio chegou com muita força, em cima da gente, pra tirar as informações que São Paulo, com o Esquadrão, não tinha conseguido.

O SR. ANDRÉ VILARON – Havia uma disputa entre as equipes...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Entre as equipes. E, então, quando o Rio chega, eu estou deitado, já, veja só, eu tinha sido, eles me vendaram os olhos e me pisavam, não é, viviam, inclusive, para descansar, eles ficavam em cima do meu tórax. E ele encostava, na nossa janela, que dava de frente para o barracão, um cara bem truculento.

E, quando chegou esse helicóptero, eu resolvi tirar a venda dos olhos, e consegui tirar. Deitado, dali, eu procurava ver o que se passava naquele céu que eu dominava, que era o que eu via da janela, e dali não consegui, mas o helicóptero desceu, e eu apenas ouvi os comunicados do helicóptero com o rádio, o sistema de rádio, que eles tinham, e eu ouvi esses contatos.

E aí, quando desceu o helicóptero, então veio a equipe. E a equipe chegou, e eu não via as pessoas. Eu via, no chegar à porta do Buriti, da nossa casa, onde eu estava deitado, ao pé da janela, eles disseram, então: “Como é que foi o placar?” Uma brincadeira, eles faziam: “Ah, dois a zero, e um raspão no travessão”. Esses dois a zero já me causou uma grande, como é que se diz, uma grande surpresa: quem será? Fiquei aguardando quem seria esses dois a zero.

De Otoniel, sabia que ele tinha saído na minha frente, atirando, e eles foram, foram até parar. Imaginei: meu irmão, ou sumiu, saiu da linha de tiro, ou mataram. Mas logo, logo, eles voltaram, comemorando a morte dele. E quem seria o outro?

Então, o cara chegou, ele foi chegando, entrando, e um dos caras de São Paulo, o chefe da equipe de São Paulo, abriu e contou, falou o que tinha acontecido. Esse daqui, apontando pra mim, que estava na sala, nós tiramos um revólver da mão dele à bala. Esse, aí abriu o quarto, esse aqui tentou fugir, nós matamos. E esse daqui, Luiz Antônio Santa Bárbara, pela primeira vez, que seria o nosso Roberto, esse daqui, Luiz Antônio Santa Bárbara, aí eles já tinham tudo, já disse: “Esse daqui, quando viu a casa cercada, se suicidou”.

Essa versão de suicídio, eu ouvi dos policiais, mas eu nem sabia que Santa Bárbara tinha, e nem, até, se fora suicídio, porque eles poderiam, muito bem, armar isso, para me botar, eu vi, eles fazendo coisas pra me engrupir, pra me... Entendeu? Então, pode ser uma coisa que eles fizessem pra me engrupir, pra eu passar pra frente uma ideia. Mas o diálogo deles foi esse.

Em seguida, digamos assim, para começar o teste, aí o cara do Rio pegou logo uma 45, puxou, fez aquele serviço, manobra de gatilho, e botou ela dentro do meu ouvido, e aí, já em disputa, mesmo, com o pessoal de São Paulo, eles já queriam mostrar serviço, então colocaram, afundaram ela dentro do meu ouvido, eu deitado numa esteira, no pé dessa janela, e ele falou: “Vai falar, seu filho da puta?” E eu falei: “Aperte o dedo”.

Eu quero dizer a vocês, gente, que eu nunca vi uma coisa dessas na minha vida. Quando eu falei: “Aperte o dedo”, foi uma coisa tão imediata que me veio que, esse homem, amarelou. Esse homem perdeu toda a coisa, e, eu, ganhei. Foi nessa hora que houve uma troca, muito grande, de coisa. Esse homem perdeu o rebolado, ele achava alguma coisa, só eu pedir pra ele apertar o gatilho, esse homem levantou, consertou sua arma, e se afastou. E, a partir daí, eu comecei a ter um domínio, sobre mim mesmo, e sobre toda aquela situação.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu perguntar uma coisa. É, parabéns, maravilhoso o depoimento, aqui, no fim, o senhor se emocionou, e afastou o microfone. Deixa eu perguntar uma coisa. Como é o nome do parente, lá, que sabia que Zequinha estava andando, e o nome do juiz? Vocês lembram, destes dois delatores?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – O parente, que é citado por Olival. Bom, a gente tem esse depoimento dado, como o que saiu, correu para pegar Zequinha, Zequinha, ainda, pegou um animal, montou, para ver se o alcançava, é conhecido como Antonio de Virgílio, que, até, minha mãe chamava de tio Virgílio, são parentes distantes, meu primo, lá, em terceiro grau.

E a outra pessoa, o juiz, é Dr. Antonio Barbosa. Faleceu. E eu fui saber, quatro meses depois, que ele tinha falecido, que ele faleceu no completo ostracismo, da sua história.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Completa, Olival.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Você fez uma pergunta, assim, dos nomes de agentes, não é, eu consegui me lembrar o nome desse cabo, Pascoal. Esse que bateu na cara do meu pai, e que andou amedrontando, lá, as pessoas do lugar. Cabo Pascoal, do Rio de Janeiro.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olival, e essa foto, vocês não conseguem...

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Olha, essa foto, aqui, deve ser recente, não é?

O SR. ANDRÉ VILARON – Bem recente.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Bem recente. Mas me parece, muito, com a pessoa que, quando – com a pessoa que bateu, que chutou a porta do quarto, no momento que chutou. Pareceu muito, com ele. Que perguntou como era o nome do Roberto. Parecido, muito,

assim. É muita diferença, 43 anos, não é? Mas parece que tem alguma semelhança. Uma semelhança, mesmo, com essa pessoa. Não posso dizer 100% que é ele, isso, jamais, eu vou fazer. Mas, tem uma semelhança com essa pessoa que bateu o pé na porta.

O SR. ANDRÉ VILARON – Então, eu queria só registrar: é o capitão reformado, Lucio Valle Barroso. Prestou um depoimento à Comissão Nacional da Verdade, e fez essas afirmações que eu citei, anteriormente. Eu não tinha dado o nome dele. Só para registrar.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Eu vi o nome dele, ali.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Eu queria falar de um nome, que participou, oficialmente, dessa coisa. E eu fiquei sabendo, porque ele virou minha testemunha de acusação. Um agente, lá, do DOI, DOI-CODI da Bahia, que se chama Emanuel Cerqueira.

Que se diz responsável pelo levantamento – isso, na Auditoria, falado, ouvido, pelo juiz auditor – ele se dizia responsável pelo levantamento da área, responsável a me conduzir da região, depois de preso, a Salvador, junto, inclusive, com os corpos de Luiz Antônio Santa Bárbara e de Otoniel. Então, esse Emanuel Cerqueira, se apresentou como participante e fez esta coisa – teve esses papéis, de levantamento, e de condução da gente.

E uma coisa que meu pai me falava, e que a gente junta, é de que tinha uma pessoa – ele atirou, matou um micozinho, um macaquinho de pequeno porte, um micozinho, e pegava, e mandava meu pai segurar. E meu pai segurava, e ele atirava. E, cada disparo que ele dava, meu pai sentia o corpo do bichinho morto, não é, sendo ultrapassado, as balas passando pelo corpo dele.

E vendo este, todas as informações, depois, dizem que esse cara poderia ser exatamente, o Fleury, que ele diz, até, numa declaração, que Fleury levava ele a todas as emboscadas que ele fazia, porque ele era o melhor atirador. O melhor atirador. Ele mesmo se considerou – em declarações dele, posteriores, diz que só tinha Lamarca, no Brasil, que era melhor atirador do que ele.

Então, esta propaganda que eles fizeram, armada, com meu pai fazendo esse tipo de coisa, lá, levando nessas andanças, que Olival fala, participando, tendo o convívio dele, deixa bem claro isso, que esse cara era um exímio atirador. E, muito provavelmente, pode ter sido, inclusive, ele que me acertou, e tal, que conseguiu tirar o meu revólver da mão, como eles dizem, à bala. E foi a equipe, mesmo, de Fleury, que chegou lá no primeiro de...

Eu gostaria, exatamente, também, de enfatizar que o meu processo ficou pronto, por ser um processo unitário, só tinha eu vivo, era o único sobrevivente de toda essa coisa, então, um processo

que andou, fizeram um IPM rapidíssimo, eu dei um depoimento, eu trabalhei em São Paulo na empresa tal, na A, B e C, falei do trabalho, na coisa, eles conseguiram levantar, nessas empresas todas, e, num instante, fizeram um IPM, resumiram, e ficou tudo pronto pra ser julgado.

Mas o meu processo demorou, muito, pra ser julgado, segundo os advogados de presos políticos, que viram o processo, porque eles estavam estudando, exatamente, uma maneira de julgar o meu processo sem abrir o nome de Fleury nem dessa equipe, que ele deveria estar preso em São Paulo, e esse era um problema da Justiça Comum com a Justiça Militar.

Então, não era para abrir o nome de Fleury, participando lá, porque ele deveria estar preso, aqui em São Paulo, nas acusações que lhe foram movidas pelo procurador Hélio Bicudo, que, inclusive, tem um livro, meu depoimento sobre o Esquadrão da Morte, e é um livro que eu, o homem que bateu de cara com esse Esquadrão, aqui, está certo?

Então, nós fomos... Ele acabou sendo lá, tirando a vida da gente, e a gente acabou, nosso atrito foi todo com ele. Inclusive o meu revólver, esse revolverzinho que eu portava, de calibre 32, ele levou de presente pessoal. Levou pro seu presente, a Auditoria fez um ofício, pedindo, o promotor me acusava de usar um revólver 38, que era o que tinha. E quando eu disse que meu revólver era 32, eu fui achincalhado pelo promotor, de uma maneira, que eu tive que chamá-lo de ladrão – roubaram meu revólver.

Porque me acusavam por um revólver 38, que eram os que foram apreendidos, que tinham na coisa, eu digo: “Não. Meu revólver era 32”. E, aí, a sessão ficou suspensa, de antecipar-se, de um coitado de um preso político, um camponês, num atrito, desses, com uma autoridade togada, e tal. E, aí, o juiz pediu suspensão da sessão, e essa sessão foi suspensa por duas horas, e ela foi reaberta com a encontrada desse revólver, apanhado pelo agente de São Paulo, para sua coisa pessoal, para seu...

O SR. ANDRÉ VILARON – Troféu, não é, talvez.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Troféu. Eu acho que ele apontava, ou ele tinha um revólver, que teria dado um susto nele, eu acho que ele guardou por esse motivo, vaidade pessoal.

A SRA. THAÍS BARRETO – Só uma coisa. Esse processo do meu pai é uma coisa tão absurda, um caso tão absurdo, que foi escolhido pra ser um dos exemplos que o “Brasil: Nunca Mais” contou para o Brasil, em 1984. O “Brasil: Nunca Mais” falou sobre esse processo do meu

pai. Que ele só conseguiu, mesmo, não é, pai, ficar livre depois da Lei da Anistia. Porque eles queriam, de qualquer jeito, fazer com que ele se apresentasse.

Então, no livro “Brasil: Nunca Mais” tem todo detalhamento, inclusive da testemunha de acusação do meu pai, virou testemunha a favor dele, porque foi uma coisa tão absurda. Meu avô, eu queria que você contasse, um pouco, as testemunhas que meu avô escolheu, e o que aconteceu lá, na Auditoria.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quanto tempo você ficou preso?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha, eu fui preso duas vezes. Uma, dois anos e dois meses, depois, eu completei quatro anos, na segunda vez. Eu fui preso, exatamente, eu fui enquadrado nos artigos 25 e 33 da Lei de Segurança Nacional, que previam de 13, mínimo de 13 a 30 anos.

Com, ainda, um agravo, um outro artigo: se os tiros, que eu dei, tivessem atingido alguém, poderia chegar, até, à pena de morte, prisão perpétua e pena de morte, conforme o desfecho que essa bala tivesse.

E com, aí é onde Thaís, as lutas começam, com, como se ouviu os... Me foge agora... Eu queria dos...

A SRA. THAÍS BARRETO – A Auditoria, não é isso?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Sim.

O SR. ANDRÉ VILARON – Mas a testemunha, é isso?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Sim. Como se ouviram os testemunhos de acusação e defesa. Nós – meu pai arrolou aquela pessoa que ele havia votado nela, e achava, não é... Quando o advogado pediu ao meu pai uma pessoa que fosse um pouco esclarecida, e que tivesse algum poder de locomoção, meu pai tinha votado num cara que foi candidato, que foi prefeito, lá em Brotas, e ele, então, indica um carlista. Um cara que era, que, você sabe que não existia outro Partido, nesse sertão, nesse interior, que não fosse o carlismo, tudo controlado por ele.

Então, esse cara, ao ser ouvido, trata a gente, do princípio ao fim, como terroristas, e tal e tal. E, nesse meio, tem um militar, que chegou à região em 1946, como ele declara, o Antonio Ferreira de Souza, que é um personagem do livro “Lamarca”. E Antonio Ferreira de Souza chega

em 1946, eu nasci em 1948, então, ele diz que me viu desde que nasci, mas em outras circunstâncias.

Ele diz lá, ouvido por aquela Precatória, depois ele vem, pessoalmente, para a Audiência, vem ele, venho eu, que se declarou, disse ao meu pai, na véspera da vinda dele pra Salvador, aliás, meu pai pede uma água, em Brotas, num bar, ele não queria entrar em casa, “Não, pede num lugar público”, onde estava esse Reuel, e o Reuel disse pra ele: “Onde eu encontrar um filho seu, eu dou um tiro na cara”.

Meu pai, com essa coisa, trouxe para o advogado, Dr. Luiz Humberto Agle: “Olha, o Reuel declarou inimigo da família”. E, aí, o Dr. Luiz Humberto Agle vai, e impugna a testemunha do Reuel, que era, a Thaís lê, aqui, ele impugna. Mas fica o Antonio Ferreira de Souza, pra nossa sorte, e, até, o advogado podia ouvir Reuel, também, mas ele impugnou e não quis ouvir, o Reuel deu o depoimento, e não quis.

Mas o que aconteceu. O Antonio Ferreira de Souza dizia em todos os seus depoimentos, ao longo do depoimento, que viu o terrorista, viu o acusado, junto com os terroristas, em tal lugar, tal, tal, tal, tal, e era terrorista pra lá, viu em Seabra, fazendo terrorismo, viu, viu, viu, tantas vezes, que o advogado, quando chegou a vez dele, ele pergunta: “O senhor era militar na região, o senhor declarou. Por que o senhor não prendeu esse terrorista?”

Aí, ele viu-se diante daquela Auditoria Militar, daquele Tribunal, diante daquilo tudo, como um omissor. Aí, ele: “Não, mas ele não, como militar, nunca me atingiu, nunca me...” Aí, o promotor ficou todo exaltado, quando viu, e começou a querer que ele mantivesse aquela coisa. Chegou ao ponto do advogado pedir pra que, o nobre colega, deixasse a testemunha depor livremente, e chegou ao ponto do promotor chamá-lo de burro, de que ele era burro, que não podia depor livremente, porque ele estava deixando escapar tudo que ele...

Daí, o advogado se agarrou a essas coisas, e ficou valendo. Ele acabou fazendo uma declaração, dizendo: “Sou militar, na região, e não tem nada que Olderico fizesse que...” como é que se diz, aquela declaração?

O SR. – Desabonasse.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Que desabonasse a minha conduta. Que nada tinha. Aí, o advogado pegou uma peça, que eu gostaria de ver, mas é muito, o que um camponês, o que ele pegou para segurar, pra que aquele depoimento não sumisse dos autos. E ele fez isso, assegurando esse depoimento nos autos, e o Antonio Ferreira de Souza, que era minha testemunha de acusação, virou, oficialmente, minha testemunha de defesa. Porque ele declarou tudo que os

outros tinham medo, e daí, os meus artigos, que eram 25 e 33, passou para o 43 da Lei de Segurança Nacional, que era, simplesmente, uma coisa simples. E, daí, era de dois a cinco anos. Eu acabei sendo condenado a dois anos, e, depois, o STM pegou e anulou o processo.

Aí, eu voltei a ser preso, para ter outro julgamento, já estava em São Paulo, aí voltei a ser preso para ter outro julgamento, que acabei sendo absolvido, depois do outro julgamento.

O mesmo processo, eu estava trabalhando na CBS, quando estive aqui, em São Paulo, é em São Paulo, que eu estou agora, quando estive aqui, em São Paulo, trabalhando na CBS, tive que sair da CBS, para voltar a ser preso em Salvador, com ordem de prisão decretada, como é que eles diziam isto, era...

O SR. – Mandado de prisão.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Mandado de prisão. E em todo território nacional. Então, acabei sendo absolvido.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Passou por interrogatório, ou foi direto pro presídio?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Na segunda vez, fui direto para o presídio. Na segunda vez.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi preso aqui, em São Paulo, e foi mandado para...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Não. Ronilda, a Dra. Ronilda, pediu, inclusive, eu não tinha advogado, ela me pediu para...

A SRA. THAÍS BARRETO – É Ronilda Noblat, não é?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Ronilda Noblat. Dra. Ronilda Noblat. Pediu uma procuração, que iria me defender, e perguntei pra ela o que era aquilo. Ela diz: “Olderico, venha urgente, que se você for pego, aí, eles podem, até, dar fim em você. Venha”. Eu fui procurar a Dra. Ronilda, e ela me levou e apresentou, pela segunda vez.

Aí, fiquei mais um período, até sair por liberdade condicional. Saí com um livrinho, parecendo uma carteira de trabalho, infelizmente eu perdi, eu gostaria de ter esse livro, hoje, para nos meus arquivos, que parecia, muito, uma carteira de trabalho, mas que me exigia, exatamente, que eu tivesse ocupação em tempo razoável, não podia ficar muito tempo desempregado, e tal.

Acompanhando, também, a Auditoria, estar indo para ir assinar esse...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você falou que não só a região esvaziou, mas isso lá em Buriti, não é? Porque eu tenho um pouco de dificuldade de entender essa geografia, lá de Brotas. O Buriti era um distrito de Brotas, assim, não é?

A SRA. THAÍS BARRETO – É um povoado.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – É um povoado. Fica a 28 km, entre Buriti e Brotas. Esses 28 km, inclusive, eram 18, na época que Zequinha e Lamarca passaram. Porque, os 28, é que eles fizeram uma estrada de rodagem. Depois deste episódio, depois que andaram muito a pé, tem até uma matéria de Emiliano, fizeram um aeroporto, para uma presumível guerrilha ter em Brotas, que não tinham aeroporto. Tem um aeroporto. E o povoado do Buriti passou a ter uma estrada de rodagem. Só que serve, também, ao Pé do Morro, por isso é que ela é um pouco...

Mas a estrada que Zequinha fez, com a marca, à noite, foram 18 km de serra, desce uma, sobe outra, até chegar ao Buriti.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Me conta uma coisa. O Dom Cappio, quando que ele fez aquela recuperação da memória, lá, em que ano ocorreu aquela cerimônia?

A SRA. THAÍS BARRETO – A primeira, pai.

O SR. ANDRÉ VILARON – Vou pedir, se o senhor puder falar um pouquinho, lá, do projeto que o senhor. A cooperativa comprou o terreno, não foi?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Isto. Veja, quando eu cheguei a Brotas de Macaúbas, de volta, no ano de 1988, tinha estado, ali, o secretário de Waldir Pires, que já tinha saído do governo pra uma outra coisa, saiu no meio do governo, deixando o governo na mão de... Meu Deus...

O SR. – Nilo. Nilo Coelho.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – É. Mas, ainda, tinha um secretário dele, que era o Euclides Neto, saudoso Euclides Neto. E, Euclides, foi à região, e visitou o local onde tinham sido mortos os companheiros Lamarca e Zequinha.

E Euclides ficou num estado de, igual ao local, não é, chamou o pessoal da CAR, e Ematerba, os dois técnicos da CAR, que atuavam em Brotas, e, outro, em Oliveira dos Brejinhos, e pediu que eles fizessem um projetinho para mudar aquele aspecto daquela comunidade, daquela coisa, lá na Pintada.

Euclides, então, pediu, fez esta coisa, e ele foi, mesmo, saindo, e, na saída, ele conseguiu, pelo menos, recurso de comprar aquela área. Que aí, assim que eu cheguei, os técnicos me posicionaram, me convidaram a participar desse projetinho, e aí, junto com eles, em reunião nas comunidades, apressamos o terreno que seria, quando seria, e adquirimos, aproximadamente, um hectare, que já havia separado.

O SR. – A CAR é sua cooperativa? Qual é o nome dela?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – A cooperativa que nós fundamos lá, em 1º de janeiro de 1990, é Cooperativa Agro-mineral sem Fronteiras, que tem um nomezinho de Casef. Só que nós não tínhamos fundado isso, a cooperativa estava em fase, ainda, de gestação, e este terreno, nós botamos em nome de uma associação existente, que tinha lá. Até, era uma associação dirigida pelo pessoal do PMDB.

(Inaudível.)

CAR? Sim, CAR, desculpa. Eu estou dizendo por que esse terreno voltou pra cá, deixa eu responder. CAR é um órgão do Governo do Estado. É Companhia da Libertação e Ação Regional, que é do Governo do Estado. Que repassa recursos para o desenvolvimento regional de cada região, sediada em Salvador. Está certo? CAR.

Então, esses técnicos que estavam fazendo o projeto, mas já saiu o Euclides. Com esse pequeno recurso que teve, a gente comprou o terreno, botamos em nome de uma associação de moradores, e, depois que a cooperativa se formou, a associação tinha esse compromisso, passou, repassou, e foi feita uma escritura, então, em nome da cooperativa. E, agora, esse terreno já está em

nome da, foi feita a transição para a Diocese de Barra, para a instalação do Memorial, que ali foi erguido, e que nós, agora, estamos pleiteando a...

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, fala um pouquinho, como o Adriano perguntou, um pouquinho do trabalho do Dom Cappio.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Bom, vamos lá. Dom Luís Cappio, quando cheguei lá, nesse período ele ainda era frei Luís, e atuava num município vizinho, de Gentio do Ouro, cheguei a conhecê-lo, ainda, como frei, tinha alguma relação com ele.

Depois que ele se tornou bispo, ele tinha um compromisso, lá, ele fez um discurso...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele é franciscano, dominicano? Só pra curiosidade.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – É franciscano. Franciscano, eu falei. O Dom Luís, então, passou a procurar a gente e pedir ajuda e apoio, da gente, no sentido de restaurar, de recuperar, e resgatar a verdade desses fatos.

Então, em 2001, aos 30 anos, ele fez a primeira celebração, e pediu o testemunho da gente, nessa celebração, de todos os familiares das pessoas.

Dom Luís, também, tinham duas pessoas que foram assassinadas na região, lá, mais próxima da Diocese, que ela fica em Barra, na margem do São Francisco, na margem esquerda do São Francisco. E, lá, havia tido dois assassinatos, também políticos, e ele incluiu estes, da Operação Pajuçara, e fez uma celebração conjunta, de todos esses mártires.

E a celebração começou a evoluir, e, nesse meio, ele teve um prêmio, parece que foi da Holanda, um prêmio por aquela luta, a defesa do São Francisco, aquela coisa toda, e, esse prêmio, ele resolveu converter nesse Memorial, injetar esse recurso no Memorial.

Daí, ele precisava do espaço, esse espaço foi dado, e nós estamos, então, hoje, com, na celebração passada, ele já trouxe os restos mortais do Jota e Manoel Dias, e está com os outros espaços, aguardando. Ele gostaria, ele está, muito, querendo contato com a família de Lamarca, para conseguir. Já conseguiu o aval de nossa família. E estamos aguardando contatos, e ver se conseguimos, também, lá, todos eles: Santa Bárbara, Zequinha, Otoniel e Carlos Lamarca... além do Jota e Manoel Dias.

(Inaudível.)

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Feira de Santana. Feira.

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, fotografias de Otoniel, e de Zequinha, isso, pra gente, era muito importante, se tiver.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Eu tenho uma, que está no e-mail da Tata, que se pudesse...

A SRA. THAÍS BARRETO – Posso passar. É porque, até, hoje a gente acabou de recuperar. Que o Otoniel tinha uma namorada que, inclusive, mora aqui em São Paulo. E ela nos cedeu, recentemente, foi ampliada, aquelas fotos, pequenininhas, foram ampliadas, e foi a primeira vez que eu vi uma foto dele vivo, até. Foi bem bacana.

Porque, do Zequinha, a gente tem uma de quando ele serviu o Exército. E acho que só. Vivo, não é, pai?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – E não foi que tinha conosco. Nós não temos.

A SRA. THAÍS BARRETO – Não estava conosco.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Nada. Conosco, não nos deixaram nada. Nós não temos direito a uma carta, de Zequinha. Tudo, de Zequinha e Otoniel, foi levado.

Eu diria, inclusive, Tata, até retificando o que você está dizendo, é que, quem nos conseguiu essa foto foi Detinha, de Brotas, lá.

A SRA. THAÍS BARRETO – Detinha. É.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Uma pessoa que diz: “Olha, eu tenho no arquivo, dele, eu sei que isso vai ser, que vocês vão poder ter”.

Gente, eu queria dizer uma coisa. Otoniel foi morto, e deixado, veio um carcará e comeu os olhos dele. Imagina você ver uma foto. Primeiro, há quantas ações: eles matam, deixam o cara no sol, vem um carcará, come o olho dele, eles pegam, sepultam, arrancam, depois, fazem foto.

O que, de imagem, tem uma Thaís, de Otoniel? Por esse fato que nós, Detinha nos presenteou com isso, eu escanei, mandei, o primeiro e-mail que eu mandei foi pra ela: “Detinha, eu estou lhe pagando, lhe dando, devolvendo uma foto”.

Agora, como ele está ao lado de uma pessoa, eu estou pedindo ao meu primo, que tem muito recurso no computador, pra ver se separa, porque para lá, para o mausoléu, para o espaço que nós vamos estar, que ele esteja sozinho. Não pode ir acompanhado.

A SRA. THAÍS BARRETO – Separar, sem perder a...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Separar sem perda de nada. Mas separar.

A SRA. THAÍS BARRETO – O tamanho, a qualidade.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Mas, ô, Tata, você acessar seu e-mail, e exibir, numa coisa, pra gente ver. Eu mesmo, com...

A SRA. THAÍS BARRETO – Vou ver se eu consigo abrir, ali.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Se você conseguir, já pode fazer, pra que todos vejam.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Zequinha fez seminário onde?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Zequinha estudou dois anos, iniciais, em Pernambuco, em Garanhuns, no Pernambuco, e, outros dois anos, foi pra Campina Grande, Paraíba.

E, depois, viu que não era essa carreira de sacerdote, que ele resolveria os problemas deste mundo. Só digo que até no último ano, que ele chegou, aliás, todo ano ele chegava, e mostrava os joelhos inchados, para o pai. Tanto sacrifício que tinha, e que ele achava isto inútil, você ter que ficar de retiro, em estado de retiro, ficar tanto tempo ajoelhado, chegar a ficar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Era monge, assim? Era um seminário de monges? Era monástico? Era de congregação? Lembra quais são?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Nós não temos nem um contato, a única coisa, é que ele ia, e voltava, cada vez com uma... Nesse seminário, ele tem uma formação muito cristã, e muito positiva. O Zequinha, as cartas do diretor desse seminário, pra nós, era uma coisa fantástica. Minha mãe...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem essas cartas?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Então, levaram tudo. Tudo. Tudo. Mas ele, Zequinha, na primeira carta, que me lembro, a gente fica com aquilo, porque era, exatamente, uma figura que a gente, nos marcava.

Quando Zequinha sai, deixa aquela saudade, vai lá aquela criança, separa da gente. Quando ele volta, já um pouco mais crescido, e uma carta. Minha mãe lia. Nessa primeira, dizia o diretor: “Seu filho, D. Nair, Sr. José, seu filho, José Campos Barreto, nos surpreendeu positivamente, por isto, isto e isto. Zequinha não trouxe nenhum comprovante de escola formal, nós o submetemos a uma espécie de admissão, e ele tirou o primeiro lugar da turma. Então, ele já foi estudar, já o localizamos, tal”.

No outro ano, uma carta, mostrando. Eu sei que a primeira, como é a primeira, tem mais gente que na última, o diretor dizia que, Zequinha, tido sido... Todos os seminaristas tinham uma tarefa de falar, naquele ato, uma lauda, mínimo uma lauda, e em outro idioma, não podia ser em português. E todo o pessoal falou, falou. Zequinha não ficou, e veio bem mais tarde. E ele diz que ficaram abismados, quando, na hora de Zequinha falar, que ele não estava preocupado com o idioma, não, ele estava preocupado com o que o pessoal queria ouvir.

Isso ele conseguiu transmitir, essa emoção, pra nós, para as mães, pros pais, pros irmãos. Zequinha, não estava preocupado com o idioma que ele iria falar. Ele estava preocupado com o que os outros, e ele pôs em português, qual era o idioma que eles queriam, que tinham mais facilidade de ouvir, e ele falou a pedido do pessoal, e não do dele. Para ele, era indiferente esta matéria.

O SR. ANDRÉ VILARON – A formação era em francês, latim...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Isto. Latim, francês...

O SR. ANDRÉ VILARON – Sr. Olderico, eu li uma coisa, que o pai dos senhores era muito rígido, nessa parte de educação...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Extremamente rígido.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essa é a foto do Otoniel?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – É o Otoniel. Bem na véspera, bem no ano da...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Qual era a diferença de idade, entre Otoniel e Zequinha?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha, são cinco anos. Otoniel tinha... Eu tinha 23, Otoniel, 20, e, Zequinha, 25 anos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você tem foto do Zequinha, aí?

A SRA. THAÍS BARRETO – Do Zequinha, eu baixo, também.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Menina, essa foto do Otoniel...

O SR. – É maravilhosa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem as fotos do Zequinha, aí? Você acredita? Pega as fotos do Zequinha.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Esta mulher, quando soube da morte dele, ela era professora no São Francisco, fica a três km do Buriti, essa mulher deu um vexame, gritou, fez tanta coisa... O pai, inclusive, ficou preocupado com a vida ela, porque os tiras poderiam matá-la como uma terrorista, também.

O SR. ANDRÉ VILARON – Pela reação dela.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Isso. Agora, uma coisa, gente. Uma coisa que me intrigou, até hoje, foi, Rosalvo Machado Rosa foi minha testemunha de defesa, arrolada por

nós, por um amigo de Zequinha, que, hoje, é desembargador na Bahia, Clésio. E, Clésio, era amigo de Zequinha.

O SR. ANDRÉ VILARON – Qual o nome dele? Clésio...?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Clésio Rômulo Carrilho Rosa. Hoje, mora em Salvador, é desembargador.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Vou falar um minutinho de Clésio? Pode?

O SR. – Claro.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Clésio foi da Bahia, foi a Brotas de Macaúbas, o pai dele foi prefeito várias vezes, lá, e, depois, perdeu uma eleição e foi pra Salvador. Clésio foi a Brotas de Macaúbas algum tempo depois dos assassinatos de Lamarca de Zequinha, de toda Operação Pajuçara.

Então o Clésio protestou, lá, a essas mortes, e falou, e o juiz pegou, arrumou, prendeu esse jovem, e mandou pra Salvador, e entregou à Polícia Federal. E, Clésio, então, foi pelo mesmo juiz que estava, esse Antonio Barbosa. Então, Clésio saiu dali e disse: “Eu vou estudar Direito, e vou ser juiz, para um canalha desse não me botar na cadeia, mais, nunca”.

E Clésio saiu da prisão, ele não foi preso, ele foi à Polícia Federal, mesmo, e foi liberado, ele não tinha culpa.

O SR. – Foi detido.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – E ele entrou numa escola, fez vestibular, entrou numa escola de Direito, se formou em Direito, se formou advogado, fez concurso, foi para juiz, de juiz ele foi para a capital, e fez esse tanto.

Há dois anos, eu não sei, precisamente, pouco mais, ou menos, ele se tornou desembargador. E, como desembargador, a hora que ele recebeu o diploma, foi a primeira pessoa que ele citou, sem, citou todas essas vítimas, aí, mas ele disse, “Sem José Campos Barreto, eu jamais seria um desembargador”.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Voltando lá. Onde é que a gente estava?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essas são as fotos do Zequinha, não é? Pois eu queria falar uma coisa pra vocês. A última vez que eu vi Zequinha, ele deu uma formação pra gente. E era, exatamente, aquelas são mais velhas, essa, aqui, é mais nova, não é, Thaís? Mais jovem, não é? Você não imagina que, a gente vê essas fotos antigas, e é difícil fazer associação. Mas aquela foto, do Otoniel, é a imagem que eu tenho do Zequinha. Igualzinha.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – A de Otoniel. É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ó, que isso, foi em 1967. Aquela foto...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Ô, eu queria voltar, que eu me lembrei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso, pode voltar.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Eu queria voltar, pelo seguinte: senão foge. O meu testemunho de acusação, que eu disse, de defesa, foi arrolado por Clésio. O Rosalvo Machado Rosa, que, também, Clésio, até, é tio, ele é irmão do pai de Clésio.

E Rosalvo Machado Rosa foi depor, na Auditoria, e falou, para o juiz, em depoimento, várias vezes, o nome de major Mota. Ele citou major Mota numa situação, citou major Mota na outra, ele era escrivão da Polícia, está certo, lá em Brotas, a função dele, lá em Brotas, era escrivão da Polícia.

E, como escrivão da Polícia, ele acabou lidando com o lado legal dessa Operação, que muita coisa foi escriturada ali, e ele participou disso. Então, ele começou a falar de major Mota muitas vezes. Quando ele falou a terceira, ou quarta vez, do major Mota, o juiz interpelou e perguntou: “Era o major Mota quem comandava as operações?” “Não. Quem comanda essas operações, era o almirante Heleno Nunes”.

E isso causou um rebu na plateia, porque tinha imprensa, que o caso Lamarca atraía toda a imprensa, e um depoimento dado, disso, em menos de cinco minutos já tinha jornalista, no Rio, na casa do Sr. Heleno Nunes, que negou, negou, por todas as letras, isto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Da CBF, né?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – CBF. Era o ministro dos desportos, lá, do regime militar...

O SR. – CBD. Era da antiga CBD.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Isto. Então. E o que fez esse ministro em Brotas? O que foi fazer esse pessoal, lá, que não se envolvia com a coisa? Se esse ministro, junto com esse major Mota, e junto com todos, foi preparar a população, daquela região, toda, para matar essas pessoas.

Eles queriam, e fizeram todo o possível, pra população Brotense, sobretudo a da sede, que ficou acompanhando, diariamente, as exhibições de slides, deles, aquele processo todo, para matar essas pessoas.

Tem pessoas, inclusive, que amolaram suas facas, porque não tinham armas, para fazer isso. E teve pessoas que chegou a esperá-los, na delegacia, filho de Brotas, açougueiro, que chegaram a esperar eles, onde é o (ininteligível), que era uma Delegacia, das pessoas esperando eles, para matar.

Então, foi um trabalho destinado a isso. O que eles queriam, era ver Lamarca sendo morto pela população, e fim. E, pra isso, que foi, e é isto que ele nega. Então, toda a Brotas, atesta a presença do senhor, dessa figura, do Heleno Nunes. Mas ele nega.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cola os dois irmãos, Thaís. Põe o Otoniel e Zequinha.

Caramba! Então, quer dizer que o Heleno Nunes foi lá, e preparou esse tipo de...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Esse tipo de coisa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Heleno Nunes. Meu Deus!

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Com a participação da Marinha.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Era almirante, não é, almirante Heleno Nunes.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Almirante. É isso.

O SR. ANDRÉ VILARON – Uma operação gigantesca, não é? Eu queria até registrar, Adriano, que a gente citou a Mineração Boquira, que foi quem deu mais apoio para a operação toda, vamos dizer clandestina, à paisana, enfim. A gente citou a Transminas, aqui no texto inicial. Mas, também, a Petrobrás é citada, num documento oficial da Operação, como tendo apoiado, também.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Petrobrás? Petrobrás.

O SR. ANDRÉ VILARON – É. No documento da Operação Pajuçara, eles fazem, então, você tem, pelo menos 215, entre militares e policiais, de Bahia, Pernambuco, Rio e São Paulo. E, aí, tem listado alguns apoiadores civis, e, entre eles, tem a Companhia de Mineração Boquira, a principal, com aviões, com casas, e tal.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Boquira, que minério eles extraem, lá, em Boquira?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Rapaz. Eles extraíam ouro, mas o ouro não aparecia na coisa. Extraíam outras coisas, mas o enfoque, dali, era ouro.

O SR. ANDRÉ VILARON – E a Transminas, não é.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Essa Mineração Boquira é uma empresa francesa, ligada à Peñarroya, uma empresa francesa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E tem, ainda, no Brasil? A Boquira, ainda tem?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Ainda existe, não é, Thaís?

A SRA. THAÍS BARRETO – O dono está vivo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Peñarroya. É um grupo francês de mineração?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Grupo francês.

O SR. ANDRÉ VILARON – Interessante, do documento da Pajuçara, é que listada no próprio documento. Inclusive, o documento não faz nenhuma referência no caso do suicídio do Santa Bárbara. Interessante, também. Fala, sempre, em troca de tiros...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Rapaz. Era uma coisa que nos deixa, esse relatório, não é, de Cerqueira, nos deixa a desejar. Porque eles atiram num jumento, atiram num cara, e matam o jumento do cara. Isso não aparece no relatório deles. Que eles acabaram nem pagando esse jumento, lá, pro cara, fizeram uma meia, passaram a esponja. E, eles, não falam dessas coisas. Eu gostaria de ver qual foi, quem foi que atirou nesse jumento, quem foi o herói que matou esse jumento, não é, eles não aparecem, eles omitem essas coisas todas.

E, no Buriti, também, eles não falam, eles eram omissos sobre a questão do Buriti. Então, tem muitas omissões, e muita coisa. E, depois, tem o fato, que vocês veem, ele chamar pra si, de ter um diálogo com o Lamarca, que é uma coisa mentirosa.

O SR. ANDRÉ VILARON – Nem provaram, não é.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Ave Maria, não tem como.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É o diálogo da morte?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Sim, não existe. Não tem como. Sim.

Nós contestamos isso, antes dos laudos. O laudo diz que Lamarca morreu com três tiros pelas costas, e, quatro, de cima pra baixo. Para ele estar atirando, era preciso ele ter um retrovisor. Ele teria que estar atirando, neles, pelo menos, ter um retrovisor. Que não aparece no relatório. Pra Lamarca fazer aquilo, precisava estar usando um retrovisor. Está certo?

Então, não tem nada, de verdadeiro, naquele laudo, mas, sim, uma vontade de ser promovido, como teria sido o Fleury, na morte de Marighella. O que a gente vê é o instinto do militar, de querer ganhar o prêmio, que Fleury havia ganho com a morte de Marighella. É isso.

Daí, criar um diálogo tão fantástico, daqueles tão cinematográficos, que, jamais, aconteceu.

Uma coisa que eu gostaria, e, ainda, espero ver, e eu estou muito perto, é de ver porque havia cortes de faca no corpo de Zequinha. E, isto, nós estamos tirando, a cada dia, uma película

dessa história, que está, ainda, muito acobertada, e nós, ainda, vamos chegar a conhecer os verdadeiros motivos de ter um corte de faca, no corpo do Zequinha, conforme consta o laudo.

Eu soube disso dentro da prisão, que havia isso. E nós, ainda, chegamos, ainda pudemos, com o passar do tempo, ver essas coisas. No corpo de Zequinha, havia cortes.

A SRA. THAÍS BARRETO – Escoriações, com faca, provavelmente...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha. Dizia, no laudo, que tinha corte de faca. E nós precisamos, ainda... Há muitas coisas. Tem novas, novidades, a cada trabalho, a cada ano, a gente vai distanciando e tirando uma coisa. As pessoas começam a ter mais ânimo pro falar. E, eu espero que nós, ainda, cheguemos a esse ponto. Eu gostaria de chegar a isso, ainda em vida. Mas sei que, quando eu for, as coisas vão esclarecendo, também. Ajuda.

O SR. ANDRÉ VILARON – Tá bom, não é?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Chega de tristeza. Você estava preso, quando eles postaram os cadáveres no chão. Você já não estava lá, não, não é.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – É. Dia 28 de agosto, eu saí de combate. Saí preso, passei a noite no municípiozinho, já, de Oliveira dos Brejinhos, onde costuraram meus ferimentos, ali. Depois, fui pra Salvador. E, aí, pronto. A notícia que eu tenho, essa página da história está lá. Por isso, que é nesse ponto que a vivência está em Olival, está no pessoal de lá, que, quando alguém fala alguma coisa, eu ouço com muita, muita atenção, e alguém querer falar, que é raro, que há uma, ainda, cortina de medo.

Numa reunião da cooperativa, uma senhora de 50 anos diz, com toda hombridade: “Até hoje, quando ouço um barulho, vejo ou ouço o barulho de um helicóptero, vem uma diarreia”. Essa senhora disse numa reunião de mais de 70 pessoas. E as 70 pessoas confirmaram: “Que, aquilo, eu senti”, que ela sintetizou o sentimento de toda essa região.

Porque, o que eles fizeram, foi uma coisa, das mais absurdas, com aquela população. O homem não podia sair de casa, porque morreria, e o helicóptero, se ele saísse, para ir ver um outro parente, o helicóptero passava por ele, e ficava rondando. Ele entrava nessa casa, eles desciam, e quebravam a porta, iam armados, aquele susto. Aqueles homens sofreram agruras, misérias.

Foi o que me fez voltar pra lá. O que me fez conviver com eles. E o que fez dizer: “Nós não vamos votar”. A mulher, que parabenizou a equipe, ficou sendo a vereadora desta região. Volto pra

lá: “Não vou, e vocês vão ver que não vai ter Comando”. Estavam ameaçando, sendo eleitos e reeleitos, quando eu cheguei lá, essa mulher era presidente da Câmara de Vereadores, lá. E a proposta era: “Se não votarem em mim, eu trago o Comando”. E, com uma 45, ele controlava essa região.

Chegamos lá, viajei nesse carro dele, com essa 45 lá, que era tão raro o transporte, que, o que tinha, a gente usava. Fomos e voltamos, fundamos a cooperativa, e tiramos essa mulher do poder. Rompemos a primeira eleição, depois que a gente voltou lá, rompemos com a...

O SR. ANDRÉ VILARON – Que se não votasse nela, ela trazia...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Traria o Comando de volta. A Polícia. Trazia aquele Comando, que chegou duas vezes, e, essa coisa, era a proposta política que tinha lá.

O SR. ANDRÉ VILARON – Ameaçando a população.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essa mulher, era da Arena?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Sim. Esse pessoal era todo, entendeu? Então, nós fomos pra lá, fomos com uma... Não levei nenhuma candidatura, nem, nunca, me candidatei. Mas conseguimos fundar uma cooperativa, acabar esse mito, e elegemos um prefeito do PT, lá, na gestão passada. Na gestão passada, a gente elegeu.

A SRA. THAÍS BARRETO – Que foi quando a gente conseguiu fazer que, o dia 17 de setembro, se tornasse feriado. Teve votos contra, mas, a maioria cedeu. Então, até hoje, é feriado.

E a gente, também, quando era esse prefeito, a gente usou a praça da cidade, para fazer eventos, então, teve muito movimento com aquele filme que a TV Assembleia exibiu, que é “Do Buriti a Pintada”, que foi uma mobilização muito grande.

Porque, o que acontece? O pós-morte, assim. Após a morte deles todos, de tudo que aconteceu, esse retorno de meu pai pra Bahia, eu já tinha nascido, não é, meu pai retorna em 1988, eu já devia ter quase 4 anos, que eu nasci aqui, e fui pra lá. Então, eu me lembro, muito bem, assim, quando eu era criança, de que o fato dessa empresa de mineração, ainda estar trabalhando com garimpos, perseguindo as áreas das pessoas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Qual empresa de mineração? A Boquira?

A SRA. THAÍS BARRETO – A Boquira. É. É a mesma pessoa. É a mesma pessoa que ajudou a Repressão, ela está viva. Os filhos são assassinos, ninguém pega. É o típico coronelismo, é a típica impunidade. Ele é prefeito, ele foi prefeito muitos anos, acho que, agora, está com o filho.

Eu me lembro que, quando eu tinha uns 16 anos, 17, a gente costumava viajar na região, com uns amigos, e, na década de 1990, durante um bom tempo meu pai estava ameaçado de morte, por ele, por essa razão, eu não podia, também, viajar.

Então a gente, é uma coisa que eu questiono, é claro que os anos foram sendo diferentes, mas, pra vocês terem uma ideia de que as coisas não encerram. Não encerram, de certa forma. Elas continuam. E, recentemente, a pessoa, eu vou, agora, que eu vou à Bahia, eu vou apurar isso direito, mas, recentemente, uma pessoa, dessas famílias que é deputado, lá, da família Coelho, inclusive, disse para alguém ligado a nós, uns amigos nossos, ele falou assim: “Como é que, você, vai homenagear esses terroristas?” Agora. Agora. Um mês, que o cara me ligou.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Um cara da família Coelho. Bezerra Coelho. Presta bem atenção nesse detalhe: Bezerra Coelho.

A SRA. THAÍS BARRETO – É. “Como é que, você, vai homenagear esses terroristas? Eu dei dinheiro para comprar arma, para matar esses terroristas”. Disse isso agora. Falou agora.

Então, até hoje, Adriano. O problema atual é que as áreas estão sendo todas tomadas, por esse mesmo grupo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Com mineração.

A SRA. THAÍS BARRETO – Com a mineração.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas não o garimpo, mineração, mesmo.

A SRA. THAÍS BARRETO – Com a mineração, o garimpo. As áreas que a cooperativa requer...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles requerem a área. Com o apoio do DNPM.

A SRA. THAÍS BARRETO – Com o apoio do DNPM.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você sabe de quem é esse cara dos Coelho? Porque, que eu falei que é Bezerra Coelho. Sabe quem é Bezerra Coelho?

A SRA. THAÍS BARRETO – Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É daquele ministro da Integração Nacional, que é dessa família Coelho, que, agora, é o coordenador da campanha do Eduardo Campos. São os Bezerra Coelho.

A SRA. THAÍS BARRETO – Ó, pai, essa informação, aqui, que o Adriano está dando. É que eu falei pra ele, a companhia, eu fiz uma...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você sabe do que eles são donos, lá?

A SRA. THAÍS BARRETO – Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Toda a área de irrigação de Petrolina e Juazeiro, está nas mãos dos Coelho.

A SRA. THAÍS BARRETO – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Exatamente.

A SRA. THAÍS BARRETO – Porque, o que as pessoas falam, é que eles são grileiros de terras, nessa região.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bezerra Coelho. Bezerra Coelho. Tem vários ramos da família do Nilo Coelho. As pessoas falam assim: “Nilo Coelho. Nilo Coelho”. Mas tem que falar Bezerra Coelho, para ter o apoio de toda a dinastia, lá.

O SR. ANDRÉ VILARON – E, o apoio da Mineração Boquira, não foi um apoio qualquer, não é.

A SRA. THAÍS BARRETO – Não.

O SR. ANDRÉ VILARON – Com aviões, com caminhões, com outros veículos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso está escrito, já?

O SR. ANDRÉ VILARON – Está escrito.

A SRA. THAÍS BARRETO – Está escrito no relatório.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, a Operação Pajuçara.

A SRA. THAÍS BARRETO – Isso eles falam. Os funcionários...

O SR. ANDRÉ VILARON – Os funcionários...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O grupo francês Peñarroya, não é.

A SRA. THAÍS BARRETO – É como a “Folha”, é como a “Folha”, aqui em São Paulo...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – (Inaudível.)

A SRA. THAÍS BARRETO – Ó, pai, por favor, grava isso. Por favor.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É importante.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Os corpos, de Zequinha e de Lamarca, foram transportados, do local do assassinato, para Brotas, pra essa foto, aí, no caminhão da Mineração Boquira. O motorista, inclusive, que fez esse trajeto, quando eu cheguei, uma vez, em Macaúbas, ele morava em Macaúbas, e, quando me viu, ele se distanciou, e o amigo que estava com ele

apontou: “Esse cara foi o que fez o transporte, por isso que ele não quer falar contigo, que ele não quer te ver”. Fugiu da gente.

A SRA. THAÍS BARRETO – É, então. É o que estava falando pra ele, pai, que a Companhia de Mineração Boquira, o dono, lá, é o mesmo que está até hoje, que persegue as áreas que a cooperativa quer assegurar. Não é a mesma?

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Não. Não. Hoje, o atual... Quem tem...

A SRA. THAÍS BARRETO – Mas ele é um dos que ameaçou, na década de 1990, lembra? O Francelino...

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Não. Esses caras cercaram meu pai, os mineradores, que a cooperativa restabeleceu as áreas que eles tinham tirado da população, a cooperativa restabeleceu – esses caras cercaram meu pai, dizendo que, se ele não me tirasse dessa cooperativa, que ia acontecer, comigo, o que aconteceu a Zequinha e Otoniel.

A SRA. THAÍS BARRETO – Exatamente.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Esses eram prefeitos – um, de Boqueira, e, o outro, de Brejinhos. Que, diga-se de passagem, o prefeito de Brejinhos dá um depoimento interessante. Eu não sei se eu mandei isso pra você, Tata. Ele dá um depoimento, sobre a questão Lamarca e Zequinha, no qual ele afirma já ter matado, até, comunista com óleo diesel. E, esse depoimento, vale a pena a gente passar para a Comissão da Verdade.

A SRA. THAÍS BARRETO – Passar pra Comissão.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – E é a primeira pessoa – segundo o depoimento dele – que viu Lamarca na região, junto com Salgado, junto com... Entendeu? Esse depoimento é outro lado da história, vista por outro lado, que merece muito... Coisas que nós não sabíamos, e que, hoje, tem.

Eu me comprometo de trazer esse depoimento, coletado por Carlão, o cara que fez um livro, lá, regional, sobre – e, aí, pegou o depoimento desse prefeito.

O SR. ANDRÉ VILARON – Olival, nessa época que os corpos de Zequinha e Lamarca foram levados pra lá – parece que foi para exposição pública – você chegou a ver, ou não?

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Não, porque eu estava no Buriti Cristalino, que a distância de Brotas é de 18 km, não é. Quando eles morreram, lá em Pintada, então os corpos foram trazidos pra Brotas, e colocados no campo de futebol, para o povo ver. Então, eu não cheguei a vê-los, mortos, porque eu estava no Buriti. Fiquei sabendo no dia seguinte, da morte deles. Mas o pessoal, que viu, me relatou muita coisa.

O SR. ANDRÉ VILARON – Quem viu, falou o quê? Como é que...

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Por exemplo, essa mesma pessoa que levou a notícia da morte do Zequinha, que é o Sr. Zé Novais, ele me disse que presenciou os corpos no chão, que eles chutavam, tem um cara, lá, que participou da Operação, que ajudou a matá-los, que era o Caribé, Dalmar Caribé...

A SRA. THAÍS BARRETO – Dalmar está vivo.

O SR. OLIVAL CAMPOS BARRETO – Está vivo, em Salvador... E diz que ele falava assim: “Nesse, aqui, eu acertei um...”. Entendeu? Diz que acertou um tiro, assim, diz que acertou um tiro no Zequinha. E esse tipo de coisas, assim.

O Zé Novais me disse que uma pessoa de Brotas, que estava com ele, chorou, uma pessoa do lugar chorou, quando os viu no chão, e ele pegou, e levou ele embora, com medo de uma repressão.

Então, a gente escuta muita coisa. Agora, por último, fiquei sabendo, por uma pessoa lá de Brotas, que disse que, os caixões que fizeram pra eles, era para colocar os dois num caixão só, e, como Zequinha era um pouco maior que o Lamarca, diz que foi colocado, assim, aos pontapés, o cadáver, para caber dentro do caixão. Essas coisas, assim, tudo que a gente ouviu falar.

Eu, felizmente, eu não queria ter visto eles, ali. Acho que não teria condição de ver.

A SRA. THAÍS BARRETO – Acho que é isso. Acho que é isso, só.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Chega, pro Olival. Já falou.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Chega. É muito sofrimento. Chega.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Ô gente. Eu queria agradecer a vocês da Comissão, das Comissões, aqui, acho que tem pessoas de diversas... Eu queria agradecer, e reforçar o nosso pedido, aproveitando essa oportunidade, da localização desses restos mortais dos nossos irmãos, Zequinha Barreto e Otoniel.

E, se possível, seria um desejo de Dom Luís, que ele pediu de público: “Vamos fazer isso no próximo, já trouxeram o Jota”, que ficasse, se possível, que nós pudéssemos, agora no 17 de setembro, é um pedido de Dom Luís, e eu gostaria de trazer a voz dele, aqui, para ver se era possível a gente fazer o traslado nessa celebração de 2014. Tá certo?

E agradeço a vocês. Eu tenho alguma dificuldade, e eu estou dizendo isso, porque eu já fui, várias vezes, no IML de Salvador, fui ao cemitério, e me negaram essas informações, durante muito tempo, mesmo com ajuda da Dra. Ronilda Noblat. E não consegui acessar nenhuma informação. E é por isso que a gente reitera o pedido, a vocês...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Em que cemitério ele está enterrado?

A SRA. THAÍS BARRETO – Campo Santo.

O SR. OLDERICO CAMPOS BARRETO – Olha, a notícia que a gente teve, no jornal da época, é que eles teriam sido sepultados no Cemitério do Campo Santo. Mas o cemitério nos nega, chega lá, não tem nada, e a gente...

A SRA. THAÍS BARRETO – Eu vou só atualizar uma informação. Eu estive lá, no cemitério, algumas vezes, que eu morei de 2002 a 2011. E, todas as vezes, é muito curioso, que é justamente o período dos assassinatos, que não foi só esse, não é, lá na Bahia, e só tem registro a partir de 1978.

De 1978, pra trás, eles sumiram com tudo. Então, me disseram que estava nunca casa, no centro da cidade. Não estava, entendeu?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Emiliano, não ajuda nisso?

A SRA. THAÍS BARRETO – Então. Mas, na verdade, eu acredito que nesse processo, eu também tentei, não é, ele tenha tentado localizar. Ele, nunca, me comentou. Mas eu acho que, agora...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas se tem essa expectativa de fazer a exumação... por onde começa? Porque...

A SRA. THAÍS BARRETO – É, eu acho que a gente vai pegar um pouco a trilha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Instituto Médico Legal, é do Governo do Estado, lá, não é da Prefeitura.

A SRA. THAÍS BARRETO – É. Que eu saiba, é. Estadual.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Governo do Estado, que, teoricamente, é PT.

A SRA. THAÍS BARRETO – Que é o Wagner.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Que é o Wagner, é.

A SRA. THAÍS BARRETO – Eu acho que a gente pode ter essa facilidade. Eu me lembro, pai...

O SR. ANDRÉ VILARON – Esse cemitério é da Santa Casa de Misericórdia.

A SRA. THAÍS BARRETO – Eu não lembro. Eu sei que, o IML, é. O que eu sei te dizer é assim: que a dificuldade, por exemplo, eu me lembro que, quando o Lamarca foi exumado, você lembra, pai? porque todos foram enterrados na mesma circunstância, não é? Lamarca...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lamarca foi exumado.

A SRA. THAÍS BARRETO – O Lamarca foi exumado. Mas eu me lembro, que eu li, que não estava na primeira cova, que disseram que estava. Mas localizaram. Então, vamos ver, agora, a

partir do mapeamento, tentar ver como foi feita a exumação dele, a partir da dele, pra ver. E ver se a gente consegue, também, falar com a família, lá, do Lamarca, para ver o que eles têm.

Eu acho que uma pessoa que pode nos ajudar, também, daqui, é o Dr. Luiz Eduardo Greenhalgh. Porque ele tem um processo enorme, que ele que cuida da família Lamarca, e até hoje, na verdade, está um problema, porque, desde 2011, eu lembro que, exatamente no ano que completou 40 anos, saiu a notícia que o Exército conseguiu bloquear a pensão que a família recebia. E, seu eu não me engano, isso está até hoje.

E, a perseguição é tamanha, que chegou ao ponto da viúva, que era aquela casada, que é a Maria, dizer que queria, até, sair do Brasil. Chegou essa informação, pra gente, do nível de perseguição, porque o Lamarca era um militar.

Mas a gente vai ver. Eu acho que, a pista, é o Cemitério do Campo Santo, mesmo. Que, inclusive, tem uma foto com meu avô do lado da sepultura. No livro do Lamarca, inclusive, está esse Luís Arthur de Carvalho, curiosamente, eu morei seis anos na rua que tem o nome desse cara, lá em Salvador, e ele está lá, nessa foto. Então, eu acho que foi lá, mesmo, porque meu avô fez o reconhecimento do corpo, e foi para o enterro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bom, Thaís, mas...

A SRA. THAÍS BARRETO – Eu acho que, agora, é a Polícia Federal...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos ter que fechar. Porque se eles têm expectativa de setembro, nós estamos em julho.

O SR. ANDRÉ VILARON – Adriano, agora, seria localizar as sepulturas, e entrar com pedido de exumação. Aí, tem que saber se o cemitério pode ser com pedido administrativo, ou, somente, judicial. Então, realmente, essa parte mais processual, assim, a gente tem que...

A SRA. THAÍS BARRETO – Tem que estudar, mesmo.

O SR. ANDRÉ VILARON – Tem como garantia, eu acho que o importante, agora, é a gente localizar as sepulturas. Isso seria um grande avanço.

A SRA. THAÍS BARRETO – Se localizar, a parte burocrática eu acho que, também, nós temos um clima favorável, não é. Porque a gente está reclamando, simplesmente, os restos mortais.

O SR. ANDRÉ VILARON – Na verdade, a burocrática seria o pedido da família, esse é o mais importante.

A SRA. THAÍS BARRETO – É. Eu estou, aqui, com um pedido, até, eu vou te entregar. Isso aqui é o pedido formal que eu fiz, que a gente assinou, que tem uma cópia para o Adriano, também. E, aí, é isso.

Que esse é o pedido original, assinado, acho que vocês podem ficar com ele. Infelizmente, só tem uma via, mas eu tenho uma cópia, pra aqui, para o nosso arquivo da Comissão do Estado, já digitalizada, já passei para o e-mail do Adriano, e todo mundo já tem, aqui.

E, essa, é a nossa autorização para quaisquer ações. E nós estamos, eu estou à disposição.

E, só para efeito, também, de história, de como essas coisas repercutem: tem uma pessoa que se chama Anderson, que mora numa cidade chamada Cotegipe, ele é empresário, e ele conheceu essa história, há muitos anos. E ele resolveu que, no dia em que ele tivesse condições, ele ia prestar uma homenagem ao Zequinha. Bem resumidamente, que a história é mais longa do que eu estou falando. E ele construiu um Memorial, um Centro, não é, pai, um Centro que colocou o nome dele. E vai ter a inauguração no próximo...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cotegipe, na Bahia?

A SRA. THAÍS BARRETO – Em Cotegipe. E eu acho curioso, isso, porque, em Brotas, o feriado foi quase à faca, assim, a disputa. E, numa cidade tão distante, já no extremo oeste, vai ter um Memorial, uma estrutura que me pareceu muito grande, tem quadra, tudo, uma estrutura incrível, ele gastou uma grana, assim, incrível. Meu pai está mais por dentro, assim, desse pedaço. Mas ele construiu esse Centro Cultural, lá, com o nome “José Campos Barreto”.

E nós estamos indo lá, esse final de semana. Estou indo a Barreiras, vou passar por Brasília, ir a Barreiras, para ir a essa inauguração. E, inclusive, Dom Luís vai estar lá, um monte de gente. A própria prefeita, atual, de Brotas. Foi convidada.

E, para vocês verem, o quanto o clima pós-Comissão da Verdade tornou favorável para certas coisas. Até essas cidades, assim, estão criando centros. E, ele me disse que tem 3.000 alunos inscritos no concurso de redação. Para pesquisar a história. Colheu prêmios.

Então, eu acho que é isso. Eu acho que nosso papel, aqui, foi a grande lição, a minha grande escola, quando eu me juntei ao pessoal da Comissão da Verdade, foi que, apesar da dureza, sempre é possível fazer alguma coisa para que as pessoas saibam a história. Porque, se muita gente um dia,

souber, eu acho que a gente pode renovar as forças, para lutar por uma coisa diferente, como eles fizeram.

Queria agradecer à Comissão Nacional, aos parceiros, que eu tive a felicidade de me tornar, até, amiga de muitos deles. E aqui, na Comissão de São Paulo, Adriano Diogo, Ivan Seixas, Amélia Teles, Renan Chinaglia, Tatiana Merlino, Ricardo Kobayashi, dos novos, que vieram, a Amanda. Tantas pessoas que somam, hoje, aqui, com a gente, esse processo de luta.

E, assim, não sei nem se “obrigado”, acho que é uma palavra, ainda, pequena, para dizer o quanto foi importante, à família Barreto, conseguir essa representação, aqui, hoje. Porque reparem, durante muito tempo isso ficou muito escondido dentro de nós, esse pedido, assim. Ele não ultrapassava os limites da cidade de Brotas de Macaúbas. E, hoje, ele chegou aqui a São Paulo, de público. E, com a Comissão, que eu acredito que, com a nossa ajuda, podem conseguir localizar.

Eu sempre penso positivo, eu sou uma pessoa que ninguém, nunca, vai me dizer que não é possível. Eu quero, ao menos, enterrar meus tios. Eu não vou poder abraçá-los, não vou poder... Mas eu quero trazer a verdade pra Brotas. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A sessão está encerrada. Obrigado.

* * *